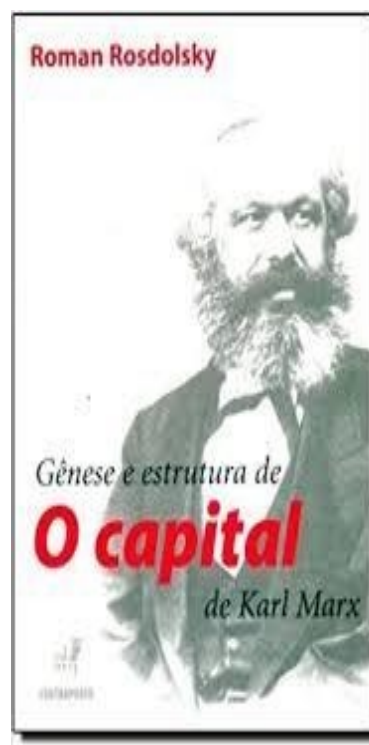

BLOG EXPEDIÇÃO KARL MARX: PARA LER *O CAPITAL*

SEÇÃO PRINCIPAL

ARTIGOS EXPOSITIVOS DA BIBLIOGRAFIA ECONÔMICA
DE KARL MARX

ARTIGO I
**GÊNESE E ESTRUTURA
DE *O CAPITAL***



FOLHETO Nº 10 – 14.04.2023

**PARTE IV – A SEÇÃO SOBRE O PROCESSO DE
CIRCULAÇÃO [DO CAPITAL]**

**Capítulo 21 – Do processo de produção ao processo de
circulação do capital. Anotações sobre o problema da
realização e o primeiro esquema da reprodução**

SUMÁRIO

FOLHETO Nº 10 (publicado em 14.04.2023)

PARTE IV – A SEÇÃO SOBRE O PROCESSO DE CIRCULAÇÃO [DO CAPITAL]

NOTA DO ARTICULISTA [3](#)

NOTA PRELIMINAR DO AUTOR DE GÊNESE [5](#)

Capítulo 21 – Do processo de produção ao processo de circulação do capital. Anotações sobre o problema da realização e o primeiro esquema da reprodução [7](#)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS [34](#)

FOLHETO Nº 10¹ e 2

PARTE IV – A SEÇÃO SOBRE O PROCESSO DE CIRCULAÇÃO [DO CAPITAL]

NOTA DO ARTICULISTA

A *Expedição Karl Marx: Para ler O capital*, cujo objeto de conhecimento se restringe à **teoria crítica da economia política capitalista** edificada pelo filósofo alemão **Karl Heinrich Marx**³, tem como destino final o estudo da sua obra magna ***O capital: Crítica da economia política***, ou, simplesmente, ***O capital***⁴.

Para efeito do itinerário desta “expedição literária”, com base no que apuramos em pesquisa realizada junto a estudiosos do tema, optamos por acessar primeiramente os escritos antecedentes que serviram de base para a elaboração da obra maior marxiana, conforme descrito na página Roteiro da Expedição deste Blog⁵. Agindo assim, aspiramos construir uma base de conhecimento tal que nos permita captar da forma mais consistente possível o que o teórico alemão-prussiano tem a dizer nos quatro livros d’*O capital*.

Nessa direção, iniciamos o primeiro trecho da nossa “caravana” com o Artigo Expositivo I que trata, excepcionalmente, da única obra não autoral de Marx contemplada neste projeto: o livro do pensador marxista ucraniano Roman Rosdolsky, ***Gênese e estrutura de “O capital” de Karl Marx***.⁶ *Gênese* é avaliada como um guia de acesso ao universo teórico e metodológico da crítica de Marx à economia política capitalista, visto se tratar de um comentário robusto e esclarecedor dos primeiros manuscritos propriamente econômicos redigidos e organizados pelo nosso teórico alemão em 1857/1858, mas não publicados por ele, vindo a público somente em 1939, na cidade de Moscou, sob o nome ***Grundrisse (Elementos (Esboços) fundamentais para a crítica da economia política)***⁷. Este conjunto de manuscritos são distinguidos como o marco inaugural da investigação crítico-científica marxiana do modo de produção capitalista,

1 Articulista: Rui Eduardo Silva de Oliveira Pamplona, bacharel em Ciências Econômicas e Direito; pós-graduado em MBA Agronegócio, MBA Executivo em Gestão Financeira e Especialização em Direito.

2 A imagem exibida na primeira página deste folheto reproduz a gravura de capa do livro *Gênese e estrutura de “O capital” de Karl Marx*, edição publicada pela Contraponto Editora (Disponível em <https://contrapontoeditora.com.br/produto.php?id=73>. Visto em 20.03.2023).

3 Na *Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução*, deste [Blog](#), apresentamos um panorama sobre a vida e obra do filósofo alemão, bem assim sobre os principais aspectos e conceitos que norteiam seu pensamento.

4 Também na *Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução*, subseção “[Pensamento econômico](#)”, apresentamos, preliminarmente, um arrazoado da obra fundamental do filósofo alemão, incluindo a conceituação de capitalismo, a definição de economia política, modo de produção, capital e de outras categorias econômicas ali presentes, além das sinopses dos quatro livros da obra: Livro I - *O processo de produção do capital* (1867); Livro II - *O processo de circulação do capital* (1885); Livro III - *O processo global da produção capitalista* (1894) e o Livro IV - *Teorias da mais-valia: História crítica do pensamento econômico* (1905).

5 Confira em <https://expedicaookarlmarx.com.br/roteiro-de-leitura-2-2/>.

6 ROSDOLSKY, Roman. ***Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx***. Rio de Janeiro-RJ: Contraponto Editora, 2001. De Roman Rosdolsky e da apresentação da sua obra tratamos no [Folheto nº 01](#).

7 Sobre as linhas gerais dos *Grundrisse*, seu nascimento, descoberta e publicação, reveja também o [Folheto nº 01](#).

bem assim como a base teórica e metodológica do que viria a ser *O capital*.

Seguindo mais uma vez a recomendação de vários autores, exatamente por possuir tal escopo, optamos por adotar o livro de Rosdolsky como ponto de partida desta empreitada, dado o alto grau de complexidade do conteúdo, método e escrita dos *Grundrisse*, o que faz do estudo de *Gênese* uma tarefa preparatória para debruçarmos sobre os próprios primeiros manuscritos econômicos de Marx em um terceiro momento da **Expedição**.

Até aqui visitamos e conhecemos os seguintes temas postos em *Gênese e estrutura de "O capital"*: como nasceram os *Grundrisse* – uma descrição da trajetória intelectual de Karl Marx, de 1842/1843 à publicação d'*O capital* (Folheto nº 01); os dois planos estruturais da obra definitiva de Marx – uma análise preliminar da metodologia utilizada em seu trabalho investigativo da crítica da economia capitalista –, além da digressão de R. Rosdolsky sobre a categoria do valor de uso (utilidade) das mercadorias sob a ótica da economia política em cotejo com o tratamento dispensado pelo filósofo alemão (Folheto nº 02); a primeira formulação da teoria de Marx sobre o dinheiro (Folhetos nº 03 a 05); e, por fim, o processo de produção do capital (Folhetos nº 06 a 09).⁸

Avancemos, então, para mais um trecho do Artigo Expositivo I, o primeiro capítulo da Parte IV de *Gênese*!!!

8 Confira os folhetos já publicados em <https://expedicaokarlmarx.com.br/artigo-expositivo-de-genese-e-estrutura-de-o-capital-2-2-2-2-2-3/>.

NOTA PRELIMINAR DO AUTOR DE *GÊNESE*

Concluído o estudo da investigação inaugural do processo de produção do capital empreendida por Karl Marx nos manuscritos *Grundrisse*, Roman Rosdolsky chega à seção cuja maior parte corresponde ao tema do Livro II da obra definitiva de Marx: **o processo de circulação do capital**.

Preliminarmente, Roman faz uma observação metodológica bastante relevante. Ele anota que já na investigação do processo de produção do capital registrada nos *Grundrisse* não se ultrapassou a etapa do capital “**em devir**”⁹ (grifo nosso).¹⁰

Mas tal conclusão não vale só para a investigação do processo de produção, aplica-se também à análise do **processo de circulação do capital** esboçada nos referidos manuscritos. Isso significa que nos escritos de 1857/1858 encontramos o capital em sua **forma não acabada**, ou seja, em sua forma de “**capital em geral**” (grifo nosso) – o capital ainda em processo de devir, de vir a ser “**capital acabado**” (grifo nosso)¹¹.

Como diz Rosdolsky, “A ‘forma acabada’ do capital supõe que este tenha ultrapassado não só o processo de **sua produção** propriamente dita, mas também o de **sua circulação**. Nesse sentido, **a circulação é um elemento necessário à conformação do capital**” (grifo nosso), sendo “ao mesmo tempo”, como ensina diretamente o filósofo alemão-prussiano, “**o seu devir, seu crescimento, seu processo vital**” (grifo nosso).

Para Karl Marx, somente após ultrapassada a etapa do capital “em devir” é que se pode falar na “forma acabada” do capital. Desse modo, sob uma perspectiva metodológica, só podemos falar de “capital acabado” quando o capital ultrapassa, “por assim dizer, sua vida orgânica interna e estabelece relações vitais com o que está fora dele”¹². Ou, dizendo de outra forma, quando a análise do “capital em geral” avança para a do “capital em sua realidade” (grifo nosso), quando avança para o campo da concorrência e da “pluralidade de capitais”.

Apesar de saber que a circulação é a esfera da concorrência, e, por isso,

9 De acordo com o Site Wikipedia, *Devir* (do latim *devenire*, tornar-se, transformar-se, devenir, vir a ser) “é um conceito filosófico que indica as mudanças pelas quais passam as coisas”. Em [Georg Hegel](#) (1770-1831), filósofo com marcante influência sobre Karl Marx, o conceito do *devir* “constitui a síntese [dialética](#) do ser e do não ser, pois tudo o que existe é contraditório estando então sujeito a desaparecer. Tal como Heráclito, Hegel viu a oposição e o conflito como essenciais ao devir” (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Devir>. Consultado em 20.03.2023). O *devir* é um processo, um fluxo permanente, movimento ininterrupto, atuante como uma lei geral do universo, que dissolve, cria e transforma todas as realidades existentes.

10 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 263 (Idem em relação à redação dos cinco parágrafos seguintes).

11 Estudamos no Folheto nº 02, [Capítulo 2](#), página 17, que a escolha de Karl Marx por começar sua investigação econômica pela forma do “capital em geral” se deve à intenção de analisar o que todas as diferentes formas de capital têm em comum, que é “*ser capital*” (grifo nosso). Por isso nos manuscritos de 57/58 o filósofo alemão ainda não aborda o movimento real e concreto do capital (a concorrência de capitais ou pluralidade de capitais, que examinará só bem mais adiante). Nos *Grundrisse* ele quer deliberadamente e em primeiro lugar examinar em abstrato o processo de formação do capital, a “história geral do nascimento do capital”, sua “autodeterminação”, ou sua “autoformação”. Este processo, que Rosdolsky classifica como dialético, “é apenas a expressão ideal [abstrata, digo eu] do movimento real de devir [de vir a ser, digo eu novamente] do capital”.

12 Trecho extraído por Roman Rosdolsky do Livro III d’*O capital* (Ibidem, p. 558 Nota 2).

dominada pelas circunstâncias aleatórias e pelo risco, o processo de circulação do capital foi abordado por Marx nos *Grundrisse* apenas em sua “**forma abstrata**”, e não também em sua forma concreta (real), em consonância com seu método de investigação.

Muito embora nunca se deva perder de vista, alerta Rosdolsky, citando Marx, “que, ‘na realidade [...] esta [a circulação, digo eu] é a **esfera da concorrência**’, a qual [em regra, digo eu novamente] ‘[...] está dominada pelas circunstâncias aleatórias e o risco’”¹³, “[...] em um primeiro momento”, prossegue o autor ucraniano, ainda com Marx, “a investigação científica do processo de circulação deve prescindir de todas as manifestações externas da concorrência, para poder captar a imagem pura, a ‘forma fundamental simples’ do processo”. Dessa maneira, somente após a análise da forma fundamental simples do processo de circulação é que o fluxo da circulação do capital real deve ser examinado¹⁴. Aí está o porquê de Marx não se dedicar no momento inicial da investigação à **pluralidade de capitais**, ou à **concorrência de capitais**, que traduz a ideia de “**capital acabado**” (grifo nosso)¹⁵.

Dentro desse esquadro, Roman Rosdolsky anuncia que Marx desenvolve o conceito de circulação considerando dois pontos de vista, de onde parte: primeiro, que “o capital permanece na esfera da circulação propriamente dita, ou seja, no mercado de mercadorias e de trabalho”, não se expandindo para o campo da concorrência e da pluralidade de capitais; segundo, que “o circuito do capital percorre todas as suas fases que, além da circulação propriamente dita [sic], inclui o processo de produção”.¹⁶

13 Mais um trecho que Roman Rosdolsky extrai do Livro III da obra maior marxiana (Ibidem, p. 558 Nota 3).

14 O exame do circuito do capital contemplando o capital real foi exposto em *O capital*, onde Karl Marx apresentou os resultados das suas investigações sobre o processo de circulação do capital, seguindo a distinção que faz entre o método que utiliza para investigar e o que adota para apresentar os resultados da apuração.

15 No início deste Artigo Expositivo I, precisamente no já referido [Folheto nº 02](#), página 17, replicamos uma frase de Roman Rosdolsky que expressa o que considera como um dos grandes méritos da sua obra *Gênese*: a descoberta de caráter metodológico nos *Grundrisse* da distinção entre as categorias do *capital em geral* e da *pluralidade de capitais*. Descoberta que ele próprio eleva como “[...] a *chave* para compreender não só os *Grundrisse* mas também *O capital*” (grifo nosso). De acordo com o que expõe o nosso pensador ucraniano, Marx, conscientemente, trabalha naqueles manuscritos somente com a categoria do capital em geral, tanto no exame do processo de produção quanto na investigação do processo de circulação do capital. A par disso, oportuno registrar o debate em torno dessa distinção metodológica introduzido pelo marxista alemão do nosso tempo, [Michael Heinrich](#) (1957), uma voz discordante do que defende Roman Rosdolsky. Heinrich vai questionar a importância da distinção dada por Rosdolsky para a compreensão d’*O capital*, considerando que apesar da sua centralidade nos *Grundrisse* ela perderá importância durante a década de 1860 e desaparecerá em *O capital*. Aliás, recomendamos a leitura do artigo de Michael Heinrich, “[Capital em geral e a estrutura de O Capital de Marx: novos insights a partir dos Manuscritos Econômicos de 1861-1863](#)” (consultado em 20.03.2023), seguida da leitura do texto de Santiago Marimondo, “[“O capital em geral” e os ‘múltiplos capitais’ / Debate com Michael Heinrich a partir de Roman Rosdolsky](#)”, sobre o referido artigo de Heinrich (consultado em 20.03.2023).

16 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 263 e 264.

Capítulo 21 – Do processo de produção ao processo de circulação do capital. Anotações sobre o problema da realização e o primeiro esquema da reprodução [do capital]¹⁷

O pensador ucraniano Roman Rosdolsky começa o capítulo anunciando que, diferentemente do *Livro II – O processo de circulação do capital* da obra definitiva de Marx, a seção dos manuscritos *Grundrisse* que cuidou da investigação da circulação começa com uma digressão (afastamento ou desvio momentâneo do assunto sobre o qual se fala ou escreve). No entanto, continua o pensador ucraniano, este desvio, que “vai além da análise abstrata do processo de circulação e das novas determinações formais do capital que se originam nesse processo”, é um “complemento útil” à análise abstrata. Trata-se da digressão para abordar o **problema da realização** e das **crises de superprodução** no capitalismo.¹⁸

Karl Marx afasta-se temporariamente do tema da circulação do capital propriamente dito para enfrentar o **problema da realização (venda)** da mercadoria produzida, diante da **limitação da capacidade de consumo**, face à **busca incessante do capital por valorização contínua** (expansão) que inobserva os limites a essa valorização. Tais limites, quando forçosamente ultrapassados, impossibilitam a própria valorização crescente do capital através da circulação, gerando as **crises de superprodução**.¹⁹

Antes de conhecermos os comentários de Rosdolsky expostos no capítulo é de bom tom esclarecer o que ele pretende. Primeiramente, quando menciona no subtítulo o “**problema da realização**” (grifo nosso), está se referindo ao **problema das crises de superprodução** no modo de produção capitalista. Este como uma consequência daquele. Outrossim, quando no mesmo subtítulo cita o que denomina de “o **primeiro esquema da reprodução**” (grifo nosso), quer tratar do modelo proposto por Marx de **equilíbrio relativo necessário para que o sistema capitalista se reproduza** (ou seja, para que possa ser mantido e continuado). Começamos pela questão da realização que desemboca na crise da superprodução.

De acordo com o economista Márcio Pochmann, para Marx a crise no capitalismo é “**sempre uma crise de superprodução**” (grifo nosso). Ou seja, uma

17 O conteúdo do Capítulo 21 de *Gênese* corresponde ao item “Reprodução e acumulação do capital” da *Segunda seção: O processo de circulação do capital, Capítulo do capital*, dos manuscritos *Grundrisse*, de acordo com a edição de 2011 publicada pela Editora Boitempo (in MARX, Karl Heinrich. *Grundrisse*. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2011, Sumário).

Contudo, na explanação do capítulo, Rosdolsky não se limita aos *Grundrisse*, recorrendo algumas vezes às obras posteriores de Marx, sobretudo *O capital*. Quando tal fato ocorrer faremos a devida menção.

18 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 265. Na *Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução* (item *Pensamento econômico*), deste [Blog](#), em nosso texto “Arrazoado e sinopse do livro *O capital*”, apresentamos uma definição sintética de “capital”, contemplando as distintas formas que assume no curso do seu movimento, muito embora sua conceituação venha sendo detalhada ao longo deste Artigo Expositivo desde o Folheto nº 01.

19 Em vista da complexidade do assunto presente no Capítulo 21 de *Gênese* e que o mesmo não trata diretamente do processo de circulação do capital, embora seja elucidativo para sua compreensão, optamos por dedicar o Folheto nº 10 exclusivamente a esse tópico, reservando para o fascículo seguinte a reprodução dos capítulos que tratam diretamente do tema principal da Parte IV do livro de Rosdolsky.

crise de excesso do capital a uma dada taxa de valorização (taxa de retorno, de lucro, de remuneração) deste mesmo estoque de capital.²⁰ Mobilizou-se no processo produtivo determinado montante de capital (investimentos em meios de produção e aquisição de força de trabalho) com vistas a se obter certa taxa de valorização, que não pôde ser alcançada em vista da não observância dos **limites imanentes** ao próprio capital face ao impulso pela **valorização ilimitada**, sua razão de ser. É o que veremos nesta primeira parte.

Nos *Grundrisse*, na observação do professor Francisco Paulo Cipolla, da qual lançamos mão para introduzir o conteúdo do assunto, Karl Marx, de maneira geral,

“se ocupa em desvendar a **predisposição** [natural, digo eu] **do capital à crise de superprodução**”²¹. Essa predisposição à crise é o resultado da **tensão** entre os limites à expansão do capital e a **indiferença** do capital em relação a esses limites. Uma vez determinados os limites à expansão do valor impostos pela própria natureza do capital, está determinada a predisposição do capital à crise na medida em que o movimento de expansão do valor procura transpor todos os limites. Dessa forma **a crise é concebida como parte da definição de capital e o capital como uma forma transitória de organização social**. Esses limites se referem a **limites** [sic] **à produção**, ultrapassados os quais a valorização do capital por meio do seu processo complementar de circulação já não é possível” (grifo nosso).²²

Na visão do autor dos *Grundrisse*, segundo Márcio Pochmann, sendo **um modo de produção que se constituiu voltado exclusivamente para a valorização do capital**, o modo capitalista de produção pode até, em determinados momentos, durante a persecução desse objetivo, adequar-se ao atendimento das necessidades humanas, mas não é essa a sua vocação. Não mesmo.²³

Entretanto, durante o processo de valorização do capital, o capitalismo apresenta momentos de crise. **Crise não meramente pontual ou excepcional, mas parte integrante do sistema capitalista, seu elemento intrínseco**. Eis um dos pontos centrais da teoria marxiana. Faz parte da natureza do modo de produção capitalista,

20 POCHMANN, Márcio. **As crises do capitalismo**. Introdução a David Harvey – Aula #2. TV Boitempo Editorial, 2021. Disponível em <https://youtu.be/EZsytOBnIrk?t=1040> (Minutagem: 17m20s-18m04s). Visto em 20.03.2023.

21 Marx em seus escritos previu três crises do capitalismo: “1. A *crise final*, onde aconteceria o colapso do capitalismo, que seria substituído pelo socialismo através da ‘revolução do proletariado’; 2. A *crise estrutural*, intrínseca ao capitalismo e que tenderia a ser cumulativa; 3. As *crises de superprodução*, que seriam cíclicas” (grifo do autor) (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_do_capitalismo. Consultado em 20.03.2023). Entretanto, conforme expressado neste texto, entendemos que tanto a “crise final” como a “crise estrutural” têm origem nas crises cíclicas de superprodução.

A predisposição do capital às crises de superprodução vinha sendo observada por Marx ao longo do tempo. Inclusive, repetindo o observado em folheto anterior, uma delas, a **crise econômica e financeira de 1857** que se anunciava desde 1856, considerada como a primeira crise econômica global do capitalismo, fez com que, entre 57/58, apressasse a redação e organização dos sete cadernos que deram origem aos *Grundrisse* (in MARX, Karl Heinrich. Op. cit., p. 7 (Nota da Edição); e ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 25 c/c 480 (Nota 40)).

22 CIPOLLA, Francisco Paulo. **A evolução da teoria da crise de superprodução na obra econômica de Marx**. Campinas-SP: Revista Crítica Marxista, nº 37, 2013, p. 75. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo298Artigo4.pdf. Visto em 20.03.2023.

23 POCHMANN, Márcio. Op. cit. Disponível em <https://youtu.be/EZsytOBnIrk?t=870> (minutagem: 14m30s-15m43s). Visto em 23.03.2023.

sua razão de ser, criar e destruir suas estruturas de funcionamento para construir novas capazes de permitir que o capital continue seu fluxo de valorização ilimitada, até que surja a próxima crise.²⁴

Grosso modo, no que se refere às crises de superprodução, segundo a concepção marxiana, “o capital, para lucrar, busca sempre o aumento da mais-valia [busca sempre se valorizar, que é sua razão de existir, e não, necessariamente, responder às necessidades humanas, repetimos com base em Márcio Pochmann²⁵]. É reduzindo os salários dos operários e/ou aumentando a produtividade que ele aumenta os lucros. No entanto, se há aumento de produtividade e, simultaneamente, o poder de compra da massa dos consumidores permanece igual ou diminui, em algum momento vai haver sobreprodução, quer dizer, produção de mercadorias que não podem ser vendidas [ou realizadas, de onde deriva o problema da realização do capital-mercadoria, digo eu], que não podem ser convertidas em valor de troca, em lucro, justamente pela falta de compradores (subconsumo) [ou seja, por insuficiência de poder de compra, esclarecemos]. A superprodução, por sua vez, [num primeiro momento, digo eu novamente] impede o lucro e força as empresas a cortar custos, reduzindo salários e demitindo trabalhadores, diminuindo dessa maneira ainda mais a massa dos consumidores, num círculo vicioso”.²⁶

Em nível de sistema, há outras saídas de longo prazo para o capitalismo em crise. Mas esse é um assunto para bem mais adiante, para a última etapa da nossa “expedição”. Sendo uma questão complexa e que diz respeito, segundo Pochmann, “[...] à capacidade do próprio capitalismo de destruir, queimar, o capital em excesso e se constituir em outras formas de valorização do capital”,²⁷ em um processo dialético de destruição e criação ao mesmo tempo,²⁸ antes, precisamos conhecer a formação do capital, seu desenvolvimento e o circuito que percorre em busca da ilimitada valorização.²⁹

Expressando-se a respeito do problema das crises do capitalismo, Marx afirma, segundo Cipolla, que “É suficiente demonstrar que o capital contém uma **restrição particular à produção** [...] para termos descoberto o fundamento

24 Idem. Disponível em <https://youtu.be/EzsytOBnIrk?t=945> (minutagem: 15m45s-17m20s). Visto em 23.03.2023.

Vê-se importante, diante da ideia de que as crises capitalistas fazem parte da sua natureza, chamar a atenção do leitor para as distintas formas históricas que o capital assumiu ao longo do tempo no esforço de ultrapassar seus próprios obstáculos, as quais correspondem às diferentes fases conhecidas do modo de produção capitalista, o que, a nosso ver, só comprova a incrível precisão da constatação de Karl Marx relativa à essência do capital feita há mais de um século e meio: Capitalismo Comercial ou Mercantil, também denominado por alguns estudiosos de “pré-capitalismo” (do século XV/XVI (Era dos Descobrimentos ou das Grandes Navegações) ao XVIII), Capitalismo Industrial (meados do século XVIII ao XIX), Capitalismo Financeiro ou Monopolista (século XX/XXI) e a fase que alguns identificam, conquanto em formação, como Capitalismo Informacional ou Cognitivo ou, ainda, de Plataformas (século XXI).

25 Ibidem. Disponível em <https://youtu.be/EZsytOBnIrk?t=890> (minutagem: 14m50s-15m44s). Visto em 23.03.2023.

26 Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_do_capitalismo. Consultado em 23.03.2023.

27 POCHMANN, Márcio. Op. cit. Disponível em <https://youtu.be/EzsytOBnIrk?t=1511> (minutagem 25m11s-25m26s). Visto em 23.03.2023.

28 Idem. Disponível em <https://youtu.be/EZsytOBnIrk?t=984> (minutagem: 16m24s-16m50s). Visto em 23.03.2023.

29 Diante do exposto até aqui, recomendamos fortemente o trecho da didática explanação de Márcio Pochmann sobre o problema da realização que desemboca no problema das crises de superprodução no capitalismo, para onde remetemos o leitor: <https://youtu.be/EZsytOBnIrk?t=721> (Ibidem (minutagem: 12m01s-26m27s). Visto em 23.03.2023).

da superprodução, da contradição fundamental do capital desenvolvido; para termos descoberto de modo mais geral, o fato de que o capital não é, como acreditam os economistas, a forma absoluta do desenvolvimento das forças produtivas” (grifo nosso).³⁰

Com vistas a se desvendar a tendência à superprodução no capitalismo, fez-se necessário, conforme revela o professor Francisco Cipolla, “encontrar quais são as restrições [ou contradições, digo eu] à expansão da produção que a própria natureza do capital lhe impõe”. Para o autor citado, “A **contradição fundamental** da qual Marx deriva a tendência à superprodução é a inerente à busca de **expansão ilimitada do valor** [a busca pela expansão ilimitada da valorização do capital (mais-valia), digo eu] por meio da **produção de valores de uso** [mercadorias finais diversas, digo eu novamente] cuja absorção é **limitada** pela **capacidade de consumo**” (grifo em negrito nosso, grifo em itálico do autor).

Portanto, segundo Cipolla, esta procura pela valorização sem limites do capital aplicado no processo produtivo “se choca com o caráter limitado do consumo”, com “o caráter de valor de uso das mercadorias”, ou, ainda, com a realização do valor de uso ofertado (com a necessidade da venda da mercadoria final ofertada), que, por sua vez, “[...] tem um limite na necessidade social que se tem do produto [ou das mercadorias, digo eu novamente], necessidade esta balizada pelo **poder de compra**” (grifo nosso).³¹

De acordo com o professor em citação, decorre daí a tendência capitalista de “produzir mais valores de uso do que a proporção adequada à realização das mercadorias, isto é, sua transformação em dinheiro”, o que gera um ambiente propício para a crise de superprodução.³²

Do exposto é de se perceber uma contradição no capital, no capital em movimento. A contradição que realça da própria natureza do capital, no caso, é a contraposição entre **valor e valor de uso**³³. Antinomia esta, conforme ainda

30 CIPOLLA, Francisco Paulo. Op. cit., p. 75. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo298Artigo4.pdf. Visto em 10.01.2023. Idem em relação à redação do parágrafo seguinte.

31 Ibidem, p. 75 e 76. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo298Artigo4.pdf. Visto em 10.01.2023.

32 Ibidem, p. 75. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo298Artigo4.pdf. Visto em 10.01.2023. Enquanto na circulação mercantil simples (processo vender para comprar) a possibilidade de crise tem lugar na interrupção do ciclo completo da circulação da mercadoria, isto é, na paralisação da compra por parte daquele que vendeu a mercadoria da qual era dono para adquirir uma mercadoria de terceiro, restringindo-se ao ato M_1-D do ciclo completo M_1-D-M_2 (onde M_1 =mercadoria, D =dinheiro e M_2 =nova mercadoria); no processo de circulação mercantil capitalista (processo comprar para vender – ciclo completo D_1-M-D_2 , onde D_1 =dinheiro (capital original), M =mercadoria e D_2 =mais dinheiro (capital adicional)), a possibilidade de crise está na impossibilidade de o capitalista vender a mercadoria produzida (limitando-se ao ato D_1-M do ciclo capitalista completo) com intuito de obter D_2 , de lucrar, ou, em termos mais técnicos, de conservar, reproduzir e valorizar o capital original aplicado no processo produtivo, obtendo mais-valia (Ibidem, p. 76 (Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo298Artigo4.pdf. Visto em 10.01.2023)). Para uma revisão dos assuntos tratados nesta Nota, releia o [item B](#) (“O dinheiro como meio de circulação”) do Folheto nº 05; o [Capítulo 9](#) (“Observação preliminar (Sobre a realidade da lei do valor na economia capitalista)”) e o [Capítulo 10](#) (“A lei de apropriação da economia mercantil simples”), ambos do Folheto nº 06; além do [Capítulo 11](#) (“A transição para o capital (A transformação do dinheiro em capital)”) do Folheto nº 07, todos deste Artigo I.

33 Para uma revisão sobre as categorias “valor” e “valor de uso”, entre outros atributos da mercadoria que também

Francisco Paulo Cipolla, que “[...] não resulta da possível disjunção entre compra e venda, mas sim da disjunção entre objetivo de valorização ilimitado perante o caráter necessariamente limitado da capacidade de consumo”. Esse choque, no final, representa a **separação do movimento do capital entre produção e circulação**.³⁴

Retornando a Roman Rosdolsky, este, levando em conta o circuito do capital como um todo, o qual, além da circulação propriamente dita, inclui o processo de produção, aponta, citando Karl Marx, que no processo de valorização o capital **“conservou seu valor”** e **“aumentou esse valor, criando mais-valia”** (grifo nosso). Marx continua: “Como resultado dessa **unidade dos processos de produção e de valorização** [ou seja, da unidade entre a conservação e a valorização do capital original, digo eu], [...] surge agora o próprio **capital**, como produto do processo cujo pressuposto era ele mesmo [o capital original, digo eu novamente] [...] e como um valor superior [como capital adicional, digo eu mais uma vez] porque contém mais trabalho objetivado que aquele [‘valor’, intervém Rosdolsky] que serviu de ponto de partida. Este [novo, digo eu] valor é dinheiro”.³⁵

Muito embora o novo valor seja dinheiro, “o é apenas *em si*; ainda não existe como tal”, diz Marx (grifo do autor). O filósofo alemão prossegue: “o que existe, o que está disponível, é uma mercadoria que tem um preço (ideal) determinado. Só idealmente ela corresponde a determinada soma de dinheiro”. É uma mercadoria que ainda não foi realizada, não foi de fato transformada em dinheiro, pois não foi vendida. Para que seja “transformada de fato em dinheiro, precisa realizar-se primeiro no intercâmbio, ou seja, entrar novamente no processo da circulação mercantil simples [esfera do consumidor, digo eu]”, mudando de mãos com a intermediação do dinheiro (processo vender para comprar, ciclo M_1-D-M_2), para que do outro lado, no âmbito do processo de circulação mercantil capitalista (processo comprar para vender, ciclo D_1-M-D_2), seja efetivamente criado valor a mais para o proprietário do capital original, o capitalista.

O autor dos *Grundrisse* avança detectando em sua investigação que “Observado atentamente, o processo de **valorização do capital** [...] se apresenta ao mesmo tempo como seu processo de **desvalorização**, sua **desmonetização**” (grifo nosso). Explicamos.

Ao ingressar no processo de produção, o capital, quando adquire meios de produção e força de trabalho, perde sua forma de dinheiro (ato $D_{1(\text{capital original})}-M_{(\text{meios de produção e força de trabalho})}$ do ciclo D_1-M-D_2), o que implica na sua desvalorização ou desmonetização

serão úteis para o entendimento do disposto a seguir, reveja as sete primeiras páginas do Capítulo 3 do [Folheto nº 02](#).

34 CIPOLLA, Francisco Paulo. Op. cit., p. 76. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo298Artigo4.pdf. Visto em 10.01.2023.

35 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 265 (Idem em relação à redação dos três parágrafos seguintes). No circuito geral do capital, o capital original ressurgiu como capital adicional (processo comprar para vender, ciclo $D_{1(\text{capital original})}-M-D_{2(\text{capital adicional})}$) (sobre esse fluxo, reveja o Folheto nº 09, [Capítulo 19](#), deste Artigo Expositivo). Nesse circuito o capital reaparece como novo valor (capital adicional) que contém mais trabalho objetivado que o próprio capital original necessário para o início da produção. O mais trabalho objetivado contido no capital adicional nada mais é que o mais-trabalho na forma da mercadoria final produzida (o mais-produto), fruto da combinação, no processo produtivo, dos meios de produção com a força de trabalho, ambos adquiridos pelo capital original.

(deixa de ser dinheiro e passa a ser bens e força de trabalho). E essa forma de dinheiro só pode ser recuperada no processo de circulação, quando as mercadorias produzidas são colocadas à venda no mercado e são de fato vendidas (ato $M_{(\text{mercadorias produzidas pela combinação dos meios de produção e da força de trabalho})} - D_2(\text{capital adicional (mais-valia)})$ do ciclo completo $D_1 - M - D_2$). Voltando a ser dinheiro, o capital volta a ser valorizado e monetizado.

Todavia, se esse processo de circulação não se realiza efetivamente, se o capitalista não encontra consumidores com quem possa trocar por dinheiro a mercadoria colocada à venda, a possibilidade de fracasso está dada. Marx esclarece: “Se o processo não se realiza – e a possibilidade desse fracasso está sempre dada, em cada caso, pela separação entre venda e compra – o dinheiro do capitalista [o capital original, digo eu] se terá transformado em um produto sem valor. Não só não terá adquirido nenhum valor novo, como também terá perdido o valor original [não foi conservado pois não foi realizado e, por isso, tampouco foi valorizado, digo eu]”. Ocorrendo isso ou não, sempre “a desvalorização³⁶ é um elo do processo de valorização”.³⁷

Na verdade, Karl Marx observou que a mercadoria final produzida, “em sua forma imediata, não é valor”. Para que seja valor “tem de entrar novamente na circulação para realizar-se [ser vendida, digo eu] como tal”. Embora o processo de produção reproduza “o capital como valor [capital original, digo eu] e novo valor [capital adicional, digo eu mais uma vez], [...] ao mesmo tempo o coloca como não valor, como algo que não se valoriza enquanto não entrar [novamente, digo eu] no intercâmbio”. Enquanto a mercadoria final não for vendida, seu preço não se realiza, e, portanto, o capital que lhe deu origem, e que só existe para se conservar, se valorizar e expandir de forma permanente, não se conservou nem valorizou e muito menos se expandiu. “Como mercadoria”, continua Marx, “o capital compartilha o destino das mercadorias; torna-se fortuito que seja trocado ou não por dinheiro, que seu preço se realize ou não”.³⁸

O nosso filósofo alemão observou que no processo de produção a valorização do capital original dependia inteiramente de sua relação – como trabalho objetivado nos meios de produção (trabalho morto) – com o trabalho vivo (o trabalho atual que produz a mercadoria final destinada ao mercado consumidor)³⁹. Ou seja, a valorização do capital

36 Desvalorização não no sentido do capital desvalorizar-se por conta do incremento da produtividade do trabalho, como vimos no já mencionado Folheto nº 08, [item B](#), mas no sentido de que o capitalista não consegue recuperar total ou parcialmente o valor do capital original aplicado no processo produtivo por conta da não venda na proporção adequada das mercadorias finais produzidas. Rosdolsky aponta que somente nos *Grundrisse* Marx usa o termo “desvalorização” neste sentido (Ibidem, p. 558 Nota 4).

37 Ibidem, p. 265 e 266.

38 Ibidem, p. 266 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

39 Tratemos sucintamente dos tipos de trabalho mencionados no parágrafo em Nota, pois cuidamos deles ao longo deste Artigo I: *trabalho objetivado, trabalho vivo e trabalho morto*. Vamos começar pelo trabalho objetivado: “O trabalho é uma atividade processual de objetivação. Logo, pode-se afirmar que é um processo de objetivação em que há transformação. Nele, *alguma coisa é transformada em outra coisa e, no final do processo, o trabalho aparece objetivado*. Ou seja, aquilo que era potência se objetiva. Com efeito, ‘o trabalho se incorporou a seu objeto. Ele está objetivado’. Aquilo que aparecia como movimento, como processo, se manifesta ‘como qualidade imóvel, na forma do ser’ [o produto (mercadoria/serviço) final do trabalho realizado, digo eu]. Mas ‘há uma diferença entre o produto do trabalho e o processo de trabalho. No produto o processo está extinto. Isso não significa que o trabalho tenha desaparecido. Ele se objetivou. No processo de trabalho, por meio da objetivação, o ser humano atua e transforma uma ideiação prévia’. O importante, para Marx, porém, não é o resultado da

original dependia totalmente da sua relação com o trabalho assalariado (com a mercadoria força de trabalho atual). Concluído o processo de produção da mercadoria final, agora, na condição de capital-mercadoria, “a valorização [do capital original, digo eu] depende da circulação [desse capital original transformado em capital-mercadoria, digo eu novamente], que está à margem daquele processo [do processo de produção, digo eu mais uma vez]”. Portanto, como mercadoria final a ser disponibilizada no mercado, o capital tem de ser a) **valor de uso** (objeto da necessidade, objeto de consumo) e b) **valor de troca**, no sentido de que deve e só pode ser realizado com a venda da mercadoria representada nele, que tem que ser trocado por seu equivalente em dinheiro para assumir a condição de novo valor (a condição de capital adicional). Portanto, “O novo valor”, ensina o nosso teórico revolucionário, “só pode realizar-se na venda”. Aqui chegamos definitivamente ao problema da realização do valor, trazendo com ele o “problema das crises”, anuncia Rosdolsky.

Fazendo referência à análise marxiana que conhecemos no Folheto nº 05 (“As funções do dinheiro”), Roman Rosdolsky aponta que a contradição entre valor de uso e valor de troca (no sentido de valor ou valor econômico ou valor intrínseco) “que já se

objetivação *per se*. O centro do trabalho é o processo de objetivação” (grifo nosso) (in PETO, Lucas Carvalho e VERÍSSIMO, Danilo Saretta. **Natureza e processo de trabalho em Marx**. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100248&%3A~%3Atext=Logo%2C%20pode-se%20afirmar%20que%2Cse%20incorporou%20a%20seu%20objeto. Consultado em 07.12.2020).

Sobre o *trabalho vivo* vamos ao que dispõe Karl Marx na obra *Contribuição [ou Para a] crítica da economia política* (1859), na interpretação de Eric Hamraoui. Nela, Marx “define o trabalho como ‘atividade útil para a apropriação das matérias naturais sob uma ou outra forma’”, sendo “definível ao mesmo tempo como ‘condição natural da existência do homem’ e ‘condição das trocas orgânicas entre o homem e a natureza’”. Esse processo de apropriação dos objetos exteriores para a satisfação das necessidades do homem – ou seja, de produção dos valores de uso que contribuem para a manutenção e o crescimento da vida – em que consiste o ‘*trabalho vivo*’ constitui, segundo Marx, ‘uma necessidade física da vida humana’”. Ou seja, trabalho vivo é o trabalho que produz bens para a satisfação das necessidades humanas, para o consumo direto – é o trabalho que produz valores de uso. “O trabalho vivo preserva assim um ‘contato natural com os elementos materiais (as matérias-primas e os instrumentos da produção)’ que ele transforma em elementos constitutivos de sua própria dinâmica: ‘enquanto ele é útil, [...] é atividade produtiva; o trabalho, por seu simples contato com os meios de produção, ressuscita-os de dentre os mortos, faz deles os fatores de seu próprio movimento’” (grifo nosso) (in HAMRAOUI, Eric. **Trabalho vivo, subjetividade e cooperação: aspectos filosóficos e institucionais**. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172014000100006. Consultado em 07.12.2020). O trabalho vivo em Marx é representado pelo **capital variável**, sendo que este “representa o *valor da força de trabalho*, a qual, como já referido, cria, no processo produtivo, uma quantidade de valor superior ao seu próprio valor, pelo que, o capital variável é trabalho vivo, porque *varia* durante esse processo produtivo, levando a que o capital total se valorize através da criação de mais-valia” (grifo nosso). Marx ensina: “A parte do capital convertida em força de trabalho em contraposição muda o seu valor no processo de produção. Ela reproduz seu próprio equivalente e, além disso, produz um excedente, uma mais-valia que ela mesma pode variar, ser maior ou menor. Essa parte do capital transforma-se continuamente de grandeza constante em grandeza variável. Eu chamo-a, por isso, parte variável do capital, ou mais concisamente: capital variável” (in DONÁRIO, Arlindo Alegre, e SANTOS, Ricardo Borges dos. **A Teoria de Karl Marx**. Universidade Autónoma de Lisboa. CARS – Centro de Análise Económica de Regulação social. Disponível em <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:wxy7wUNt5F0J:https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/3173/1/MARX.pdf+&cd=24&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d>, p. 20. Consultado em 07.12.2020). Ainda com o apoio de Donário e Santos, temos que o denominado “trabalho morto” é representado pelo “**capital constante**, cristalizado e acumulado nos [objetos, digo eu] meios e instrumentos de produção, nomeadamente, nas matérias-primas e nas amortizações do capital fixo. Este capital, que constitui o trabalho cristalizado nas mercadorias em processos produtivos passados, é utilizado no processo produtivo actual [sic], apenas transmite o seu valor às novas mercadorias, mas não cria novo valor”. Diz Marx: “A parte do capital que se converte em meios de produção, isto é, em matéria-prima, matérias auxiliares e meios de trabalho, não altera sua grandeza de valor no processo de produção”. A essa parte do capital, parcela que representa o trabalho morto, Marx o chama de “a parte constante do capital, ou mais concisamente: capital constante” (Idem, p. 20. Consultado em 07.12.2020).

manifestava na mercadoria e na circulação mercantil simples, reaparece em forma nova quando se trata da circulação do capital”⁴⁰.

Enquanto na circulação mercantil simples essa contradição aparecia, segundo Marx, como uma “[...] diferença puramente formal [‘No sentido de que a mercadoria deve percorrer uma troca de forma (M_1-D e $D-M_2$)’, acrescenta Rosdolsky⁴¹] [...]]; aqui [na circulação mercantil capitalista, digo eu], ao contrário, a condição de algo avaliado pelo valor de uso é firmemente determinada pela condição de algo avaliado pela soma total das necessidades dos que participam da troca [...]”. O próprio K. Marx clarifica: “Como valor de uso determinado, unilateral, qualitativo – por exemplo, trigo –, este, na qualidade de produto do capital, “só é demandado em determinada quantidade, isto é, em certa medida”. Medida que “é dada, em parte, por sua qualidade como valor de uso – sua utilidade ou aplicabilidade específicas [sic] –, em parte pela quantidade de agentes (engajados no intercâmbio) que necessitam desse produto específico (o número de consumidores multiplicado pela magnitude de sua necessidade desse produto específico)” e que possuam poder de compra, acrescentamos.⁴²

Ora, prossegue o autor dos *Grundrisse*, ao contrário do valor do capital como tal (cuja necessidade de expansão é ilimitada), “[...] o valor de uso não tem caráter ilimitado. Só até certo ponto certos [sic] objetos podem ser consumidos e ser objetos de necessidade [sic] [...]”. O produto como valor de uso “contém em si um limite – o limite da necessidade que se tem dele – [...]”. Este limite, no entanto, “não se mede pela necessidade do produtor [vendedor, acrescentamos], mas sim pela necessidade total dos que participam da troca [o conjunto de consumidores compradores, digo eu]”. A par disso, dispõe nosso autor ucraniano: “Quando a correspondência da produção com essa necessidade geral fracassa, o produto do capital deixa de ser valor de uso e em consequência [deixa de ser também, digo eu] capital”.⁴³

Embora afirme que isso é tudo que se pode dizer sobre a “**necessidade social**

40 Vimos no citado [Folheto nº 05](#) que, por meio do dinheiro (D), uma mercadoria (M_1) é intercambiada por outra (M_2) (circulação mercantil simples (processo vender para comprar, ciclo M_1-D-M_2)). Marx assentou nos *Grundrisse* que, na condição de objeto do intercâmbio, “a mercadoria deve ser valor de uso, mas só chega a sê-lo através da venda, pois a mercadoria não é valor de uso para quem a possui como mercadoria [e deseja vendê-la, acrescentamos], mas sim para quem a adquire, como valor de uso, através do intercâmbio”. Ou seja: na esfera do *sujeito vendedor*, a mercadoria que vende *não é valor de uso* para ele, mas *valor de troca* (no sentido de valor ou valor econômico ou intrínseco, cuja substância é o tempo de trabalho abstrato socialmente necessário) – o valor da mercadoria a ser vendida depende da sua “trocabilidade”, da sua “capacidade de ser vendida pela quantidade de valor de troca representado nela”. Na esfera do *sujeito comprador*, a mercadoria que compra é para ele apenas *valor de uso*. O valor de uso da mercadoria para o sujeito comprador só se realiza com a venda pelo sujeito vendedor. Assim, de acordo com o próprio Marx, agora em trecho do escrito *Contribuição à crítica economia política* (1859), no âmbito do intercâmbio mercantil simples, a mesma relação de troca (M_1-D-M_2), de um lado, deve expressar “a igualdade essencial das mercadorias, equiparadas como materialização do tempo geral de trabalho [ou tempo de trabalho abstrato socialmente necessário (M_1 (trabalho abstrato objetivado no milho)= M_2 (trabalho abstrato objetivado no feijão)), digo eu] e só quantitativamente diferentes [M_1 (1 kg de milho)= M_2 (2 kg de feijão), digo eu novamente]; de outro, e ao mesmo tempo, deve expressar sua relação como objetos qualitativamente diferentes [M_1 =milho e M_2 =feijão, digo eu mais uma vez], como valores de uso particulares para necessidades particulares, diferenciando-as como valores de uso reais” (in ROSDOLSKY, Roman. Op. cit. p. 266 c/c p. 558 Nota 8).

41 Idem, p. 558 Nota 9.

42 Ibidem, p. 266 e 267.

43 Ibidem, p. 267 (Ibidem em relação à redação dos três parágrafos seguintes).

como barreira à realização” (grifo nosso), Roman Rosdolsky ressalva que o problema não para no quesito do produto do capital como objeto de consumo. Para além de objeto de consumo, o produto do capital (a mercadoria final ou o capital na forma mercadoria final) deve ser trocado por seu equivalente em dinheiro. O que cria mais uma barreira à realização do capital como mercadoria. Vamos a ela.

Como no processo de produção “o capital criou um novo valor [o capital adicional, digo eu], para o qual parece que não pode haver nenhum equivalente disponível”, é necessário criar um “mais-equivalente” para fazer frente a mais-valia criada na produção do capital, aduz Marx; mas este “mais-equivalente”, afirma Rosdolsky, “deve ser criado primeiro na [própria, digo eu] produção”⁴⁴. O filósofo alemão continua: assim, o capital, “na condição de valor, [...] [‘encontra’, intervém Rosdolsky] um **obstáculo na produção alheia**, do mesmo modo que, na condição de valor de uso, encontra um obstáculo [para sua realização, digo eu] no consumo alheio”, como vimos.

Enquanto o consumo alheio como obstáculo se refere a não correspondência da produção com a quantidade de que se necessita e que se pode comprar do produto específico (necessidade social e poder de compra), a produção alheia como obstáculo diz respeito a não correspondência da produção com a quantidade de trabalho objetivado que existe na esfera da circulação, ou seja, com a quantidade de produto final ofertado pela concorrência. Com isso, conforme aponta Marx, não há que se falar da “indiferença do valor diante do valor de uso”, ela se mostra “falsa”, bem assim da indiferença entre “a substância do valor [tempo de trabalho abstrato socialmente necessário (trabalho vivo), digo eu] diante de sua medida como trabalho objetivado em geral”.

Assim sendo, os elementos de uma relação, no caso, a relação de produção considerando o consumo alheio – valor e valor de uso –, e a relação de produção considerando a produção alheia – substância do valor (tempo de trabalho abstrato socialmente necessário (trabalho vivo)) e trabalho objetivado geral –, estão imbricados entre si e seus respectivos desequilíbrios levam às **crises de superprodução** no capitalismo.

Diante desses dois obstáculos – a necessidade social ou consumo alheio e a produção alheia ou quantidade de trabalho objetivado existente na esfera da circulação –, Roman Rosdolsky resgata o que foi escrito por Karl Marx sobre as tendências “expansionistas” e “civilizatórias” do capital⁴⁵. Naquela oportunidade, o filósofo alemão demonstrou “como o insaciável impulso de valorização do capital leva a criar uma ‘esfera da circulação [...] que se expande através da própria produção’ e a ‘suscitar a criação de cada vez mais mais-trabalho [trabalho não pago, lembramos] [...] como complemento de si mesma [da própria esfera da circulação, digo eu]’”⁴⁶.

Para realizar a mais-valia (transformar o valor a mais em dinheiro) é preciso

44 Não podemos esquecer que a mais-valia, cria do mais-trabalho, nasce no processo de produção, mas somente se realiza (transforma-se em dinheiro) no processo de circulação do capital.

45 Conforme páginas 9-11.

46 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 267 e 268.

criar novas necessidades e modificar as já existentes. Nessa direção, “[...] o impulso de valorização”, discorre Roman, citando Marx, “deve ‘ampliar a esfera do consumo dentro da circulação, da mesma forma como antes ampliou a esfera da produção’”.⁴⁷

Entretanto, segundo Rosdolsky, da análise marxiana não se pode concluir que tais obstáculos podem ser eliminados pelo próprio desenvolvimento do modo de produção capitalista. Aliás, Marx é restritivo nesta questão: da constatação de que o capital se esforça para superar os obstáculos à sua realização, “e portanto de que idealmente [‘ou tendencialmente’, intervém Rosdolsky] passe por cima deles, [‘desse fato’, intervém novamente Rosdolsky] não se pode concluir que consiga superá-los realmente”, ou que eles simplesmente deixem de existir. Para o autor dos *Grundrisse* não há de imediato uma unidade entre produção e valorização do capital – que o processo de produção garante a valorização do capital.

Em sua existência, em seu movimento, “*esta unidade de produção e de valorização não é imediata, mas sim um processo [...]*” por meio do qual as contradições inerentes a ele “são continuamente eliminadas (subjugadas pela força, [...] embora essa eliminação se apresente como uma amena restauração do equilíbrio), mas também continuamente recriadas” (grifo do autor).

Levando em conta que os *Grundrisse* têm como foco a investigação do capital em geral, ainda não veremos, de acordo com Roman Rosdolsky, como esse movimento do capital face as respectivas contradições ocorre concretamente. Para Marx, até aqui, o que importa é “antes de tudo comprovar a existência dessas contradições em primeira instância” e, complementa Rosdolsky, “demonstrar que tanto elas como as tendências a superá-las temporariamente estão contidas no ‘conceito simples do capital’”. O “desdobramento posterior” desse processo, conclui Roman, “deve ser considerado como uma evolução a partir desse germe”.

Na sequência, o autor de *Gênese* aborda o problema das crises de superprodução que deriva do problema da realização mencionando a controvérsia descrita no *Grundrisse*. Marx diz: “A controvérsia em torno da questão de se a superprodução é possível e necessária na produção capitalista gira em torno de se o processo de valorização do capital na produção pressupõe diretamente sua valorização na circulação, de se a valorização no processo de produção é sua valorização real”. Sobre essa questão Roman Rosdolsky denuncia a divisão dos economistas burgueses em dois grupos, um capitaneado pelo economista britânico David Ricardo e o outro pelo economista suíço Jean Sismondi⁴⁸. Em oposição a Ricardo, Karl Marx destaca “a

47 Idem, p. 268 (Ibidem em relação à redação dos três parágrafos seguintes).

48 Nesse ponto, Rosdolsky reproduz o problema da superprodução em Marx em cotejo com o que defende esses dois grupos de economistas burgueses, conforme consta nos *Grundrisse*: O primeiro grupo, capitaneado por [David Ricardo](#), concebe “a produção como idêntica à autovalorização do capital”, não levando em conta as barreiras ao consumo nem as que se opõem à própria circulação. Esse grupo centra a atenção “no desenvolvimento das forças produtivas e no crescimento da produção industrial”, portanto na oferta, “ignorando a demanda” (Ibidem, p. 268). Porém, Ricardo não despreza totalmente essas barreiras, pois “tem uma suspeita de que o valor de troca de uma mercadoria não é um valor à margem do intercâmbio e só se preserva como valor através do intercâmbio; mas considera fortuitas e superáveis as barreiras em que a produção tropeça”, pois essa superação, segundo ele, estaria

contradição fundamental” do capitalismo que reflete diretamente nas crises gerais de superprodução: “A pobreza e a restrição do consumo das massas, que conflitam com a tendência de a produção capitalista desenvolver as forças produtivas como se seu limite fosse dado apenas pela capacidade absoluta de consumo da sociedade”⁴⁹. Por isso, para Marx, as crises “não são fortuitas”, como pensava Ricardo, “mas sim explosões das **contradições iminentes**, em grande escala e em períodos determinados”⁵⁰ (grifo nosso). Em relação a David Ricardo e sua escola, Marx é taxativo: “nunca compreenderam as verdadeiras crises modernas, nas quais esta contradição do capital aparece de forma condensada, em grandes tempestades que ameaçam cada vez mais sua condição de elemento fundamental da organização da sociedade e da própria produção”.⁵¹

De outra banda, segundo Rosdolsky, diferenciando-se também de mais um economista da época, Jean Sismondi, “Marx destaca a ‘tendência universal’ e a ‘essência positiva’ do capital, e concebe a superação (periódica) das ‘barreiras que aparecem na esfera do intercâmbio’ como algo contido na própria ‘essência do capital’”. Para o filósofo alemão, por ser assim, essas barreiras não podem ser superadas por fatores externos, de fora para dentro do sistema de produção, por medidas legislativas etc., sendo esta a forma encontrada pelo capital para superá-las, como quer Sismondi.

Ainda se referindo à oposição marxiana ao economista suíço, o nosso autor ucraniano em comento, exatamente por conta das características inerentes à natureza do capital destacadas acima, não titubeia em afirmar, inspirado em já conhecidos argumentos do próprio Marx, que as contradições do capitalismo, por serem “constantemente ‘ultrapassadas’ e recolocadas, em escala mais ampla”, em algum momento provocarão “sua queda e a transição a uma ‘forma superior da produção social’”.

Os economistas burgueses, diz Rosdolsky sobre a ênfase da crítica de Marx àqueles, “para ‘eliminar’ as crises de superprodução [para não reconhecerem as crises de superprodução do capitalismo, digo eu], omitem as características específicas do modo de produção capitalista, equiparando a circulação do capital [processo comprar para vender, ciclo D_1-M-D_2 , onde se destaca o papel de D de se valorizar crescentemente e o valor de troca de M, recordamos] à circulação mercantil simples [processo vender para comprar, ciclo M_1-D-M_2 , onde se destaca o valor de uso de M e o papel de D de apenas intermediar a troca de M_1 por M_2 , frisamos] e, mais ainda, ao comércio baseado na troca direta”, como

“inscrita na essência do capital”. Dessa forma, nega, como [John Stuart Mill](#) (1806-1873), [Jean-Baptiste Say](#) (1767-1832) e [John Ramsay McCulloch](#) (1789-1864), a possibilidade de crises gerais de superprodução. O segundo grupo, ao qual o economista suíço [Jean de Sismondi](#) (1773-1842) pertence, ressalta a existência dessas barreiras ao consumo, captando a natureza limitada da produção baseada no capital. Este economista “destaca não só a colisão [do capital, digo eu] com essas barreiras, mas também a criação delas pelo próprio capital”, que gera, ele mesmo, contradições que, segundo avalia, “tendem a levá-lo à ruína”. Para Sismondi, o capital cria barreiras externas a ele, não as considera como inerentes à existência do capital, daí propor a colocação de freios externos à produção, freios “de fora para dentro, por meio dos costumes, da lei etc.”. Assim, “exatamente por tratar-se de barreiras exteriores e artificiais, o capital sempre as ultrapassa” (Ibidem, p. 269). No Livro IV d’*O capital* como veremos em momento próprio, Marx volta a opor Sismondi a D. Ricardo, bem como aos outros economistas citados nesta Nota (Ibidem, p. 558 Nota 21).

49 Trecho extraído por Rosdolsky do Livro III da obra maior marxiana (Ibidem, p. 558 Nota 22).

50 Trecho extraído por Rosdolsky do Livro IV da obra maior marxiana (Ibidem, p. 558 Nota 23).

51 Ibidem, p. 269 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

se a produção estivesse sempre ajustada ao consumo e não objetivasse fundamentalmente a valorização do capital.⁵²

Na avaliação do filósofo alemão, esses economistas “Esquecem totalmente o momento da valorização [do capital, digo eu] e colocam produção e consumo no mesmo plano, **pressupondo uma produção baseada no valor de uso e não no capital**” (grifo nosso) – pressupondo uma produção voltada para atender às necessidades humanas e não direcionada, exclusivamente, para a valorização do próprio capital. Ademais, segundo Roman Rosdolsky, procuram enfatizar apenas o momento de unidade entre compra e venda, negando os antagonismos, quando, na verdade, segundo Marx, “a relação econômica [...] contém antagonismos [...] e é a unidade de opostos”.⁵³

Outro ponto sustentado pelos economistas tradicionais criticados por K. Marx é, por exemplo, a tendência de o capital alocar-se em proporções corretas entre os vários setores da produção. Marx rebate: com essa afirmação eles desconsideram propositalmente que “também é uma tendência necessária que ele [o capital, digo eu] ultrapasse essas proporções, já que o [‘capital’, intervém Roman] procura obter sempre mais mais-trabalho, mais produtividade [mais mais-valia, digo eu], mais consumo etc.”.

Ora, Rosdolsky complementa, sempre com Marx: “Se, no capitalismo, a produção seguisse um plano geral, predeterminado, ‘de fato não poderia ocorrer superprodução’⁵⁴. Mas como isso é uma contradição em termos, já que o aumento da produção capitalista ‘não é diretamente regulado nem determinado pelas necessidades da sociedade’, o capital ‘cria e elimina continuamente a *proportionate production*’ [a proporcionalidade na produção, digo eu em tradução livre]; na produção capitalista, a proporcionalidade surge ‘como uma busca constante a partir da desproporcionalidade’⁵⁵”. Não obstante tenham “uma coesão interna, eles [os elementos individuais da valorização do capital (meios de produção ou capital constante), trabalho necessário (trabalho pago ou capital variável) e mais-trabalho (trabalho não pago ou mais-produto ou massa de mais-valia), digo eu com base em Roman] ‘podem encontrar-se ou não, coincidir ou não, concordar ou não’”. Uma coisa é certa, define Marx, “a existência autônoma

52 Ibidem, p. 269 e 270.

53 Ibidem, p. 270 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes). Nesse ponto, Roman transcreve mais uma importante passagem do Livro IV d’*O capital*: “Se, por exemplo, compra e venda – ou a metamorfose das mercadorias [M₁-D-M₂, mercadoria 1 transformada em mercadoria 2 por meio do dinheiro, digo eu] – representa a unidade de dois processos, ou o movimento de um processo [metamorfose das mercadorias, digo eu novamente] através de duas fases opostas [compra e venda, digo eu mais uma vez], sendo dessa forma, essencialmente, a unidade de duas fases, esse movimento é ao mesmo tempo, em essência, a separação dessas duas fases e sua autonomização recíproca. Mas como, não obstante, elas devem permanecer unidas [para que a metamorfose das mercadorias aconteça, digo eu], a independência dos dois aspectos correlatos só pode aparecer de forma violenta, como um processo de destruição. É justamente na crise que eles afirmam sua unidade, a unidade de diferentes aspectos. A independência dessas duas fases relacionadas e complementares é violentamente aniquilada. Assim, a crise manifesta a unidade de duas fases que se tornaram independentes. Não haveria crise se não existisse a unidade interna de fatores aparentemente indiferentes entre si. Não, diz o economista apologetico [defensor da inexistência de crise de superprodução no modo de produção capitalista, digo eu]. Porque há essa unidade, não pode haver crise. Isso significa que [‘para eles’, intervém Rosdolsky] a unidade de fatores opostos exclui a contradição” (grifo nosso), no que Marx discorda como vimos nesta Nota (Ibidem, p. 559 Nota 25).

54 Trecho extraído por R. Rosdolsky do Livro IV d’*O capital* (Ibidem, p. 559 Nota 28).

55 Trecho extraído por R. Rosdolsky do Livro III da obra magna marxiana (Ibidem, p. 559 Nota 30).

e reciprocamente indiferente desse fatores constitui a base das contradições” e, por conseguinte, das crises.

Ainda quanto à contradição entre a produção do capital e sua valorização, “cuja unidade é, de acordo com seu próprio conceito, o capital”, não basta, prega Rosdolsky, que seja indicada “a possibilidade abstrata e geral das crises”. É preciso, conforme Marx, “demonstrar que a produção dominada pelo capital contém uma limitação [‘que é’, intervém Roman] específica e que contradiz sua tendência universal a superar todos os obstáculos que se opõem a ela”. Isso é suficiente, continua o autor dos *Grundrisse*, “para desvelar a base da superprodução, a contradição fundamental do capital desenvolvido; ou, de maneira geral, [isto basta, digo eu] para desvelar o fato de que, ao contrário do que dizem os economistas [burgueses digo eu novamente], o capital não é a forma absoluta de desenvolvimento das forças produtivas”. Roman Rosdolsky avança: “O mesmo impulso de valorização do capital, que o impele a ampliar a produção sem reconhecer limites”, não considerando o mercado disponível nem a demanda efetiva, “obriga-o ao mesmo tempo a restringir a esfera do intercâmbio”. Ou seja, como diz Marx, o mesmo movimento impulsivo de valorização do capital impõe ao capital que restrinja “a possibilidade de valorização, de realização do valor criado no processo de produção”.⁵⁶

Dito isso, ultrapassada a etapa mais geral da tese marxiana sobre a contradição entre a produção e a valorização do capital, Rosdolsky traz à tona a mesma tese, porém circunscrita à **relação capital e trabalho**.⁵⁷

Em *Gênese*, Roman Rosdolsky cita uma “**premissa fundamental**” (grifo nosso) da produção capitalista em Karl Marx: “o fato de que **o capital precisa estabelecer um intercâmbio com o trabalhador**” (grifo nosso), isto é, que o capital “deve conter **trabalho necessário [trabalho pago, acrescentamos]**” (grifo nosso). “Só assim”, diz Marx, “valoriza a si próprio e cria mais-valia”.⁵⁸

Entretanto, se, de um lado, o capital obrigatoriamente precisa estabelecer um intercâmbio com o trabalhador, e o faz por meio do trabalho necessário (trabalho pago); de outro, assinala o filósofo alemão, “só contém trabalho necessário até o ponto e na medida em que este cria **mais-trabalho [trabalho não pago, digo eu]** e em que o mais-trabalho seja realizável depois [transformado, digo eu novamente] como **mais-valia**. Logo, contém [também, acrescentamos] o mais-trabalho como condição do trabalho necessário, e a mais-valia como limite do trabalho objetivado [trabalho contido na mercadoria posta a venda, digo eu novamente], [ou como limite, digo eu] do valor em geral [...]. Assim, o capital limita [...] o trabalho [necessário, digo eu] e a criação de valores, precisamente pelo mesmo motivo e na medida em que contém mais-trabalho e mais-valia”.

Portanto, em vista da sua natureza, Marx prossegue, “ele [o próprio capital, digo eu] contém uma barreira [o trabalho necessário, digo eu novamente] que contradiz

⁵⁶ Ibidem, p. 270 e 271.

⁵⁷ Da *relação capital e trabalho* tratamos inicialmente no [Folheto nº 07](#) e no [Folheto nº 08](#) deste Artigo Expositivo.

⁵⁸ ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 271 (Idem em relação à redação dos três parágrafos seguintes).

sua tendência a ampliá-los ilimitadamente [a ampliar o mais-trabalho e a mais-valia, esclarecemos]. Como o capital, de um lado, cria para eles [para o mais-trabalho e mais-valia, repetimos] uma barreira específica [que é o trabalho necessário, digo eu novamente] e, de outro, os impele a ultrapassar todas as barreiras, ele [o capital, digo eu mais uma vez] é uma contradição viva”⁵⁹.

Como o capital, segundo o autor dos *Grundrisse*, “transforma o mais-trabalho e o intercâmbio de capital por mais-trabalho em condições para o trabalho necessário [pois este só existe porque existe o mais-trabalho, digo eu] [...], e isso já estreita e condiciona a esfera do intercâmbio [entre capital e trabalho, digo eu]”, é fundamental para o capital que restrinja o **consumo do trabalhador** ao que necessita para que reproduza sua capacidade ou força de trabalho, para que sobreviva como trabalhador. Fazendo assim, “[o capital, digo eu novamente] converte o valor que expressa o trabalho necessário em um obstáculo à realização da capacidade de trabalho, e com isso à capacidade de troca do trabalhador [à capacidade de adquirir bens no mercado para sua subsistência, digo eu mais uma vez], e trata de reduzir a um mínimo o trabalho necessário como proporção do mais-trabalho [isto é, trata de reduzir a um mínimo o trabalho pago como proporção do trabalho não pago, digo eu]”. De acordo com Roman Rosdolsky, “Esta tendência, que nasce do ilimitado impulso de valorização do capital [da busca por mais mais-valia, enfatizamos], resulta mais uma vez em uma restrição à sua esfera de intercâmbio”.

Ao contrário dos estágios pré-capitalistas, no capitalismo, conforme Marx, tem-se presente dois aspectos singulares que o distingue dos demais modos históricos de produção: o primeiro é que o “[...] o consumo só se realiza com a mediação do intercâmbio”, o segundo é que, considerando a perspectiva do trabalhador, “o trabalho não tem valor de uso direto [o trabalhador não é proprietário do produto do seu trabalho, digo eu]”. Para adquirir valor de uso (bens para sua subsistência) o trabalhador tem que ir ao mercado, e para ir ao mercado o trabalhador tem que ser um trabalhador assalariado. Portanto, **toda a base do modo capitalista de produção “é o trabalho como valor de troca e como criador de valor de troca [criador de salário, digo eu novamente]”** (grifo nosso) – só consome quem trabalha e só trabalha quem vende sua mercadoria força de trabalho ao capitalista em contrapartida do salário, o qual corresponde ao tempo de trabalho necessário (trabalho pago) que, por sua vez, está condicionado à realização de mais-trabalho (trabalho não pago).⁶⁰

59 Em *Gênese*, sobre a expressão “contradição”, o autor faz em Nota uma citação à obra *Ciência da Lógica* do filósofo da dialética, Georg Hegel, caracterizando-a como “uma determinação tão essencial e imanente como a identidade”. Inclusive, diz Hegel, “se estivéssemos diante de uma ordem de prioridades e houvesse que conservar separadas ambas as determinações, seria preciso considerar a contradição como o que há de mais profundo e essencial. Diante dela, a identidade é só a determinação do simples e imediato, do ser inanimado; enquanto a contradição é a raiz de todo movimento e condição vital; algo só se move, só tem impulso e atividade, na medida em que contém uma contradição interna [...]. Portanto, esse algo está vivo só na medida em que contém uma contradição interna, e sua força está em apreender e resistir à contradição presente em seu interior” (Ibidem, p. 542 Nota 14).

60 Ibidem, p. 272 e 273. Por isso, o trabalhador assalariado (o trabalhador do modo capitalista de produção) é, conforme Marx, “ele mesmo, um centro autônomo de circulação, é alguém que participa do intercâmbio, que cria

O mesmo raciocínio e a mesma adjetivação de obstáculo à valorização do capital vale para a **produtividade** (que gera a mais-valia relativa), por mais paradoxal que isso seja. Conforme observamos no Folheto nº 08, item “Mais-valia relativa e produtividade (Sobre a crescente dificuldade de o capital valorizar-se na medida em que o modo de produção capitalista se desenvolve)”, para onde remetemos o leitor⁶¹, há uma tendência imanente do capital em desenvolver a produtividade ao máximo, necessariamente, para aumentar o tempo de trabalho criador de mais-valia (o tempo de mais-trabalho ou de trabalho não pago). Porém, com isso, provoca uma redução relativa no tempo de trabalho necessário (trabalho-pago), e, por conseguinte, uma redução na capacidade de troca (salário) dos trabalhadores.⁶²

Ocorre que a mais-valia relativa, vinculada ao aumento da produtividade, como vimos no citado Folheto nº 08, cresce em uma proporção muito menor do que o aumento da produtividade, e essa proporção diminui ainda mais quanto maior tenha sido o incremento prévio de produtividade. Já a massa dos produtos derivados desse aumento da produtividade, diferentemente, cresce em proporção análoga ao crescimento da força produtiva, ao crescimento do mais-trabalho. Fundamentado nesse aspecto, diz Marx, “Na mesma medida em que aumenta a massa dos produtos, aumentam as dificuldades para realizar [transformar em dinheiro, digo eu] o tempo de trabalho [trabalho não pago, digo eu novamente] contido neles, pois aumenta a exigência de consumo”.⁶³

Conforme resumiu Marx, segundo Rosdolsky, o próprio capital coloca, não só, “o tempo de trabalho necessário como obstáculo para o valor de troca da capacidade viva

valores de troca [salário, digo eu mais uma vez] e os conserva mediante a troca [os conserva por meio dos bens que adquire para sua subsistência, digo eu]”. Desse modo, de maneira geral, ele se apresenta no mercado como consumidor. Porém, para o capitalista individual, seus próprios trabalhadores não são considerados consumidores, mas apenas trabalhadores – na sua perspectiva somente são considerados consumidores os trabalhadores dos demais capitalistas. Para o capitalista individual os trabalhadores dos demais capitalistas são para ele consumidores e não trabalhadores. Os trabalhadores que não os seus se apresentam, no mercado, diante de cada um dos outros capitalistas, como “detentores de valores de troca (salário), de dinheiro que eles trocam pela mercadoria daquele”. Entretanto, “a relação entre o capitalista individual e os trabalhadores dos demais capitalistas [...] [potenciais consumidores para aquele, digo eu] não altera em nada a relação entre o capital em geral e o trabalho”. Como cada capitalista “sabe que não se relaciona com seus próprios trabalhadores como um produtor diante de consumidores”, sempre “deseja reduzir ao máximo o consumo deles, ou seja, sua capacidade de troca, seu salário”. Naturalmente, na condição de capitalista individual, deseja “que os trabalhadores dos demais capitalistas consumam a maior quantidade possível de suas próprias mercadorias”. No entanto, “[...] a relação entre cada capitalista e seus trabalhadores é a relação geral entre o capital e o trabalho, a relação essencial” (grifo do autor). Ora, há aí uma “ilusão”. É uma verdadeira ilusão o capitalista individual pensar que toda a classe trabalhadora, com exceção dos seus trabalhadores, se apresentem a ele “[...] como consumidores e gastadores de dinheiro, e não como trabalhadores [...]”. Este tipo de consumidor é sempre um trabalhador e por isso sempre chegará diante de cada capitalista com sua capacidade de consumo aviltada pelo salário que recebe do seu patrão. Em sendo assim, como a existência do lucro sobre uma mercadoria pressupõe uma demanda que não é do trabalhador que a produziu, a demanda de cada trabalhador não pode ser uma demanda adequada às exigências de lucro de qualquer capitalista (Ibidem, p. 273). Lê-se também nos *Grundrisse* que “o próprio capital considera que a demanda proveniente dos trabalhadores – isto é, o pagamento dos salários, no qual se baseia essa demanda – não é um lucro, mas uma perda, confirmando-se assim a relação imanente entre o capital e o trabalho”. Novamente, “a concorrência entre capitais, sua indiferença e autonomia recíprocas, convence o capital individual a se comportar diante dos trabalhadores de todo o capital restante não como trabalhadores [parecendo para ele como sendo esta uma demanda adequada, digo eu]: *hic* [‘daí’, intervém Roman] que se viole a proporção correta [da produção em relação ao consumo, desembocando em mais uma crise de superprodução, digo eu]” (Ibidem, p. 274).

61 Conforme item B do [Folheto nº 08](#).

62 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 271.

63 Idem, p. 271 e 272.

de trabalho”, mas também “o tempo de mais-trabalho como obstáculo para o tempo de trabalho necessário”, bem assim “a mais-valia como obstáculo para o tempo de mais-trabalho”. No entanto, e ao mesmo tempo, na tentativa de superar todos esses obstáculos, tentando ignorá-los, provoca a superprodução, em relação a qual, e para ultrapassar a crise que ela provoca, “necessita recomeçar sua tentativa a partir de um nível superior de desenvolvimento das forças produtivas, experimentando em cada caso um colapso cada vez maior como capital”.⁶⁴

Para Karl Marx está claro “que quanto maior for o desenvolvimento do capital, tanto mais ele se apresentará como obstáculo à produção – logo, também ao consumo –, sem falar nas demais contradições que o fazem aparecer como obstáculo insuportável para a produção e a troca”. Se assim não fosse não teríamos as diversas fases históricas porque passou, passa e passará o modo de produção capitalista⁶⁵, até seu colapso final como defendem os marxistas.

A par do exposto nos *Grundrisse*, Roman Rosdolsky não tem dúvida que a “contradição entre produção e valorização [do capital, digo eu] repousa sobre a própria natureza do capital, sobre a **relação contraditória entre trabalho necessário e mais-trabalho**. Quanto maior for o mais-trabalho, tanto menor (relativamente) será o trabalho necessário; também tanto menor será a possibilidade de realizar o mais-produto [de vender a produção resultante do mais mais-trabalho, digo eu]” (grifo nosso). “Nesse sentido”, continua Rosdolsky, desta feita citando Marx, “o ilimitado impulso de valorização do capital ‘coincide com a criação de barreiras no âmbito da troca [no âmbito do intercâmbio, digo eu novamente]’”.

“Se isso é verdade”, R. Rosdolsky conjectura, “se o próprio capital gera um obstáculo à realização da mais-valia criada no processo de produção, como é possível que o capitalismo se desenvolva? Como o capital evita uma situação de crise permanente? Partindo dessas premissas, não se deveria declarar então, [...] que no capitalismo a realização da mais-valia é impossível em larga escala, salvo se o mais-produto é vendido no exterior, no intercâmbio com outras nações?”⁶⁶.

Caminhando para o final do comentário sobre a investigação marxiana dos “obstáculos ‘necessários’, ‘imanentes’, do modo de produção capitalista, tal como se manifestam nas crises de superprodução”, o autor ucraniano dedica-se a reproduzir mais uma passagem dos *Grundrisse*, desta feita em relação à demanda criada pelo próprio processo de produção, a “demanda de matérias-primas, produtos semielaborados,

64 Ibidem, p. 272 (Ibidem em relação à redação dos três parágrafos seguintes).

65 Conforme ^[Nota 24].

66 Em *Gênese e estrutura de “O capital”* as objeções citadas são debatidas no Capítulo 30 “A polêmica em torno dos esquemas da reprodução de Marx”, que compõe a “Parte VII Ensaios críticos”, onde Roman Rosdolsky examina o assunto à luz de autores posteriores a Marx, tanto sob a perspectiva metodológica encontrada nos *Grundrisse* como sob a perspectiva teórica apresentada em *O capital* (Ibidem, p. 559 Nota 43). Roman procura mostrar neste exame “os resultados teóricos de sua leitura dos *Grundrisse*”, conforme relata o professor Hector Benoit (*in* BENOIT, Hector. **Resenha de “Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx”**. Revista Outubro nº 07. Disponível em <http://longoestudo.blogspot.com/2012/09/resenha-de-genese-e-estrutura-de-o.html>. Visto em 23.03.2023). Adiantamos que trataremos do Capítulo 30 em um apêndice a este Folheto nº 10.

maquinaria, meios de comunicação e materiais de todo tipo usados na produção [...]”, enfim, a **demanda pelos meios de produção**.⁶⁷

Para Marx, esta demanda “[...] é adequada e suficiente sempre e quando os produtores realizem [sic] o intercâmbio entre si”. Quando “um capitalista compra de outro – compra mercadorias ou as vende –, ambos mantêm uma relação de troca simples [processo vender para comprar, ciclo M_1-D-M_2 , digo eu]; não se comportam entre si como capital”. A questão da valorização do capital “permanece à margem dessa relação recíproca”. A inadequação da demanda, neste caso, se revela apenas “tão logo o produto final encontra, como limite, o consumo direto e definitivo”, o que nos remete aos obstáculos da necessidade social, da produção alheia, da relação capital e trabalho e da produtividade (mais-valia relativa) já abordados.

O autor em comentário constata, então, que os obstáculos “necessários” e “imanentes”, como Marx os adjectiva, descritos e analisados até aqui, não são absolutos, pois se revelam como obstáculos somente “no movimento permanente, na constante luta de tendências conflitivas” – a tendência à expansão ilimitada do capital por meio da produção de valores de uso versus a tendência à limitação do consumo desses valores de uso⁶⁸.

Visando facilitar e aprimorar a compreensão do exposto até aqui, recomendamos a videoaula ministrada pelo economista Márcio Pochmann, *As crises do capitalismo*, que vinculamos a este Folheto como material complementar.⁶⁹

Avançando, o autor de *Gênese* passa, então, aos **esquemas de reprodução do capital**⁷⁰ pensados por Marx, assunto que corresponde à segunda parte do subtítulo do Capítulo 21 em comentário.

Considerando que os “obstáculos ‘necessários’, ‘imanentes’, do modo de produção capitalista, tal como se manifestam nas crises de superprodução” não são absolutos, como assentado anteriormente, Roman Rosdolsky entende que “o problema das condições que possibilitam que o sistema capitalista se reproduza mantendo um **equilíbrio relativo** (interrompido por crises periódicas) não só é teoricamente admissível, mas também de máximo interesse para a ciência da economia” (grifo nosso). Este equilíbrio do sistema, diz ele, deve, portanto, “poder expressar-se mediante um esquema

67 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 274 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

68 Segundo também assinala Francisco Cipolla, há uma inclinação do capital “em produzir mais valores de uso do que a proporção adequada à realização das mercadorias, isto é, sua transformação em dinheiro [sua venda, digo eu]”. “Esse choque entre infinito e finito [a busca ilimitada pela valorização do capital versus a limitação da necessidade social, da capacidade de consumo, por exemplo, digo eu novamente]”, continua Cipolla, “representa a *separação* da metamorfose do capital entre *produção* e *circulação*” (grifo nosso) (in CIPOLLA, Francisco Paulo. Op. cit., p. 75. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo298Artigo4.pdf. Visto em 25.03.2023).

69 Conforme <https://youtu.be/EZsytOBnIrk> (in POCHMANN, Márcio. Op. cit. Visto em 23.03.2023).

70 De acordo com o professor Luiz Gonzaga Belluzzo, *reprodução*, do ponto de vista econômico, diz respeito à reposição das condições de existência de algo (que na hipótese é o capital) ao mesmo tempo em que se transforma. Este algo, embora continue com os mesmos fundamentos, assume formas diferentes. É a partir da sua própria transmutação que este algo em processo de reprodução se reproduz e se reafirma (in BELLUZZO, Luiz Gonzaga. **A escassez na abundância capitalista** (videopalestra). Campinas-SP: Instituto de Economia da Unicamp. 2019. Disponível em <https://youtu.be/7JKKYyhCxt8?t=402> (minutagem 6m42s-7m40s). Consultado em 25.03.2023.

que Marx esboçou nos *Grundrisse*” (na verdade são dois esquemas, como veremos).⁷¹

De acordo com o economista britânico Michael Roberts, os esquemas marxianos de reprodução do capital dizem respeito “ao processo de circulação [...] do **capital social agregado** [que nada mais é que o capital total da sociedade, digo eu]” (grifo nosso). Ou como explica o referido economista britânico com outras palavras: estes esquemas buscam observar “**como o capital (dinheiro e mercadorias) circula ao nível macro de uma economia, a fim de reproduzir-se** [conservar-se e valorizar-se, digo eu novamente] **de modo que um novo período de produção e acumulação de capital possa recomeçar**” (grifo nosso).⁷²

Para fins didáticos, no desenvolvimento desta parte optamos por trabalhar com os esquemas constantes d’*O capital*, apresentados por Michael Roberts, que são derivados dos esquemas esboçados nos manuscritos *Grundrisse* de 1857/1858⁷³: o **esquema da reprodução simples do capital** e o **esquema da reprodução ampliada ou estendida ou expandida do capital**. A diferença é que na sua obra maior Marx reúne os cinco setores da economia presentes nos *Grundrisse* em dois departamentos⁷⁴: o **Departamento I**, que produz **meios de produção**, o qual contempla os capitalistas fabricantes de máquinas e os fabricantes de matérias-primas, e o **Departamento II**, que produz **bens de consumo ou meios de consumo**, abarcando os capitalistas fabricantes de bens de consumo para o próprio segmento, e, sobretudo, os capitalistas fabricantes de bens de consumo para os trabalhadores.⁷⁵ Portanto, não há nenhum prejuízo em recorrermos aos esquemas exibidos em *O capital* e às análises de outros autores para tratar dos esquemas de reprodução do capital de Marx, combinando-as com algumas passagens de *Gênese*⁷⁶.

Continuando na apresentação dos esquemas marxianos de reprodução do capital, o teórico britânico Michael Roberts observa que Marx deseja mostrar como o capital se reproduz naqueles dois departamentos, e também “comparar a reprodução do capital **sem qualquer acumulação extra** (chamada de **reprodução simples**) e a reprodução do capital **quando ele se acumula** (cresce), o que ele [sic] chama de **reprodução expandida ou estendida**” (grifo nosso). Para Roberts, “o

71 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 274.

72 ROBERTS, Michael. **O esquema de reprodução de Marx**. Disponível em <https://thenextrecession.wordpress.com/2021/07/06/marxs-reproduction-schema/>. Consultado em 05.04.2023.

73 Conforme se depreende do capítulo vinte e um de *Gênese e estrutura de O capital*, em comentário, nos *Grundrisse* Marx cuida de esboçar o modelo de reprodução simples e apenas apressadamente um rascunho do modelo de reprodução ampliada (in ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 274 a 276).

74 De acordo com Roman Rosdolsky, nos *Grundrisse* o filósofo alemão divide hipoteticamente o capital total da sociedade (ou capital social agregado) em cinco tipos: A) o do capitalista fabricante de matérias-primas 1; B) o do capitalista fabricante de matérias-primas 2; C) o do capitalista fabricante de máquinas; D) o do capitalista fabricante de bens supérfluos ou de luxo (bens destinados ao consumo dos próprios capitalistas, portanto não destinados ao consumo dos trabalhadores); E) o do capitalista fabricante de meios de subsistência, ou de meios de vida (bens para o consumo dos trabalhadores) (idem, p. 274 e 275).

75 ROBERTS, Michael. Op. cit. Disponível em <https://thenextrecession.wordpress.com/2021/07/06/marxs-reproduction-schema/>. Consultado em 05.04.2023.

76 O próprio Rosdolsky pontua que “não é difícil reconhecer nesse esquema de cinco setores [...] um esboço do modelo da reprodução simples” que aparece nos Livros II, III e IV d’*O capital* (in ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 275 c/c p. 560 Notas 65 e 66).

esquema de reprodução de Marx não foi projetado para mostrar que o capital pode se acumular harmoniosamente ou, alternativamente, gerar crises crônicas de subconsumo. Sim, o capital não se acumula de forma harmoniosa”. “[...], o esquema de Marx mostra que os departamentos nunca estão em ‘equilíbrio’ se quisermos dizer com isso que ambos são do mesmo tamanho e devem crescer juntos no mesmo ritmo”.⁷⁷

Dito isso, antes de passarmos ao exame dos dois esquemas de reprodução expostos em *O capital*, é preciso citar as suposições de que parte Marx em sua economia hipotética para ambos os esquemas representados nas Tabelas 1, 2 e 3 *infra*. Primeiro, o filósofo alemão considera que o **capital social agregado (W) totaliza 1.000W**, sendo que deste montante os Departamentos I e II contribuem cada um com 500W. Segundo, que os dois departamentos têm o mesmo tamanho, a **mesma composição orgânica**⁷⁸. Além dessas, o nosso alemão-prussiano também supõe a **inexistência de progresso tecnológico**, de modo que o crescimento da economia (a reprodução expandida do capital) só possa ocorrer se uma quantidade maior de meios de produção for obtida a partir da produção da própria economia, junto ao Departamento I,⁷⁹ e não por meio e exportação, o que significa dizer, em relação a esta última condição, que Marx supõe a existência de uma **“economia fechada”** (grifo nosso). Por fim, unicamente para o **esquema de reprodução simples** (Tabela 1), deve-se admitir que os dois departamentos **“crescem à mesma taxa (zero)”** (grifo nosso).⁸⁰

A par dessas considerações, começamos com o **modelo de reprodução simples do capital**:

Tabela 1 – Esquema da reprodução simples

Departamentos	c (capital constante: meios de produção)	v (capital variável: salário do trabalhador)	s (mais-produto)	W (capital social agregado)
A) Departamento I (Capitalistas fabricantes de máquinas e fabricantes de matérias-primas)	250	100	150	500
B) Departamento II (Capitalistas fabricantes de bens de consumo para os trabalhadores e fabricantes de bens de consumo para os próprios capitalistas)	250	100	150	500
Total	500	200	300	1000

77 ROBERTS, Michael. Op. cit. Disponível em <https://thenextrecession.wordpress.com/2021/07/06/marxs-reproduction-schema/>. Consultado em 05.04.2023.

78 A categoria *composição orgânica do capital* (Coc), citada no parágrafo em Nota, não foi detalhada por Rosdolsky em *Gênese*, mas apenas mencionada. Grosso modo, trata-se de um conceito criado por Karl Marx em sua teoria do capitalismo que “consiste na relação entre o valor do *capital constante* [meios de produção (matéria-prima, tecnologia, maquinaria, instalações etc.), digo eu] e o [valor, digo eu novamente] do *capital variável* [trabalhadores assalariados, digo eu], cujas variações se fazem sentir na modificação da taxa de lucro” (grifo nosso). A composição orgânica do capital “resulta”, portanto, “da relação de proporcionalidade existente entre esses dois tipos de capital, expressa na fórmula $Coc=c/c+v$ ”, onde c =*capital constante* e v =*capital variável*. Tal composição “será tanto mais elevada quanto maior for a parcela de capital constante em relação a parcela de capital variável” (Disponível em <https://www.controlacao.com.br/significado/composicao-organica-do-capital>. Consultado em 05.04.2023).

79 Não se admitindo, na hipótese, que os departamentos recebam meios de produção adicionais advindos de reservas mantidas em armazéns, etc.

80 ROBERTS, Michael. Op. cit. Disponível em <https://thenextrecession.wordpress.com/2021/07/06/marxs-reproduction-schema/>. Consultado em 05.04.2023. Idem em relação à redação do parágrafo seguinte.

Na reprodução simples não há acumulação de capital. Todo o capital excedente (mais-valia), o mais-produto (s) gerado no Departamento I (150s) e também no Departamento II (150s), é gasto no Departamento II em bens de consumo.

Na Tabela 1 observa-se que o Departamento I, produtor de meios de produção, apresenta uma produção total de 500W no ano 1, sendo que 250c de matérias-primas e de maquinaria são retidos pelos próprios capitalistas do departamento a fim de continuarem a produção no ano seguinte. Dos 250W restantes, 100v correspondem ao pagamento de salários dos respectivos trabalhadores para que sobrevivam (trabalho necessário ou trabalho pago), cujos bens de consumo serão adquiridos junto ao Departamento II, e 150s equivalem ao mais-produto, e, por conseguinte ao mais-trabalho, de onde deriva a mais-valia, cujo montante destina-se ao consumo, pelos próprios capitalistas do Departamento I, dos bens também produzidos pelo Departamento II.⁸¹

O Departamento II, que, por sua vez, só produz bens de consumo, também perfaz uma produção total de 500W. Deste montante, 250c correspondem à aquisição no ano anterior dos meios de produção gerados pelo Departamento I, de modo que produza seus bens de consumo de hoje (ano 1) e que também possa continuar a fabricação de bens de consumo no ano seguinte; 100v decorrem dos salários pagos aos respectivos trabalhadores para que sobrevivam (trabalho necessário ou trabalho pago), cuja quantia é gasta em bens de consumo ofertados pelo mesmo Departamento II, e, por fim, 150s, relativos ao mais-produto e, por conseguinte, ao mais-trabalho (trabalho não pago), de onde deriva a mais-valia, são destinados ao consumo dos capitalistas do próprio Departamento II.

Por assim ser, temos que:

a) No Departamento I:

- a.1) Os capitalistas fabricantes de máquinas comprem matérias-primas dos capitalistas desse mesmo departamento e bens de consumo dos capitalistas do Departamento II que produzem especificamente para o segmento;
- a.2) Os capitalistas fabricantes de matérias-primas comprem maquinaria dos capitalistas do seu departamento e bens de consumo dos fabricantes do Departamento II que produzem para a camada social capitalista;

b) No Departamento II:

- b.1) Os capitalistas fabricantes de bens para o consumo dos trabalhadores em geral comprem meios de produção ofertados pelos capitalistas do Departamento I e bens de consumo

81 Este e os parágrafos seguintes foram redigidos com base na análise de Francisco Cipolla adaptada à Tabela 1 (in CIPOLLA, Francisco Paulo. Op. cit., p. 77 e 78. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo298Artigo4.pdf. Visto em 06.04.2023).

vendidos pelos capitalistas do mesmo Departamento II, fabricantes de bens para consumo de toda a classe detentora do capital;

b.2) Os capitalistas fabricantes de bens de consumo para os capitalistas em geral compram meios de produção dos fabricantes do Departamento I e bens de consumo dos capitalistas do próprio departamento que produzem bens de consumo para o segmento;

c) Nos Departamentos I e II:

c.1) Os trabalhadores dos dois departamentos (isto é, de toda a economia) compram bens de consumo dos capitalistas do Departamento II que produzem especificamente para a classe trabalhadora.

Aplicando o que aduz Roman Rosdolsky à Tabela 1 supra (reprodução simples do capital), o Departamento I pode empregar $250c$ (retendo meios de produção “[...] diretamente para reprodução [para a produção do ano atual e do seguinte, digo eu]”, já que este capital “existe na forma natural de meios de produção”, e intercambiar com o Departamento II o montante de $100v$ para aquisição de bens de consumo dos trabalhadores e $150s$ para aquisição de bens de consumo dos capitalistas do departamento, cuja soma deve ser igual à capacidade de produção de bens de consumo do Departamento II ($250c$). Desse modo se obtém uma equação que expressa uma reprodução simples do capital sem acidentes: $100v_1 + 150s_1 = 250c_2$.⁸²

Ainda na trilha de Rosdolsky, no presente modelo de reprodução simples do capital todos os capitalistas estão em condições de continuar produzindo no ano seguinte, mantendo a mesma escala. Ademais, se de um lado não há crescimento do capital (acumulação do capital) decorrente da atividade produtiva, do outro o capital se reproduz, circula entre os dois departamentos, sem qualquer deficiência na demanda.⁸³

Dito isso, partimos agora para conhecer o que se passa no caso da **reprodução ampliada** ou **estendida** ou **expandida do capital**, ou, como bem assinala Roman Rosdolsky, “o que se passa com a **acumulação** [do capital, digo eu]” (grifo nosso). Em outras palavras: vamos ver como se daria a reprodução do capital na economia quando em crescimento e na situação em que os capitalistas dos seus dois departamentos não consumissem todo o excedente (mais-produto (s)) produzido, pois, se assim fizessem, no final do processo de reprodução do capital “estariam como no início [do processo produtivo, dito eu], e a mais-valia de seu capital não cresceria”, diz Marx. E isso, arremata Rosdolsky, “seria contraditório com o objetivo da produção capitalista”. Portanto, **na reprodução ampliada há acumulação**

82 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 276. Onde v_1 =capital variável do Departamento I, s_1 =mais-produto do Departamento I e c_2 =capital constante do Departamento II.

83 Idem, p. 275.

de capital, seu fator fundamental.⁸⁴

O economista britânico Michael Roberts apresenta no artigo *O esquema de reprodução de Marx* duas novas tabelas para analisar a reprodução ampliada do capital. A primeira, que chamamos de Tabela 2, mostra as transações prévias necessárias entre os capitalistas dos Departamentos I e II para a transição da reprodução simples à ampliada, de modo a possibilitar a efetiva expansão do capital. Assim, a segunda, a Tabela 3, retrata exatamente a reprodução ampliada.⁸⁵

Tabela 2 – Esquema das transações entre os departamentos para a reprodução ampliada do capital

Departamentos	c (capital constante: meios de produção)	v (capital variável: trabalho)	s (mais-produto)	W (capital social agregado)
A) Departamento I (Capitalistas fabricantes de máquinas e fabricantes de matérias-primas)	300	120	180	600
B) Departamento II (Capitalistas fabricantes de bens de consumo para trabalhadores e fabricantes de bens de consumo para os próprios capitalistas)	200	80	120	400
Total	500	200	300	1000

Tabela 3 – Esquema da reprodução ampliada

Departamentos	c (capital constante: meios de produção)	v (capital variável: trabalho)	s (mais-produto)	W (capital social agregado)
A) Departamento I (Capitalistas fabricantes de máquinas e fabricantes de matérias-primas)	360	144	216	720
B) Departamento II (Capitalistas fabricantes de bens de consumo para trabalhadores e fabricantes de bens de consumo para os próprios capitalistas)	240	96	144	480
Total	600	240	360	1200

Antes de tratarmos da interpretação das Tabelas 2 e 3, recordemos, sobretudo, duas das suposições dos esquemas marxianos: a inexistência de progresso tecnológico e existência de uma economia fechada, de maneira que o crescimento do capital (reprodução ampliada) só pode ocorrer se uma quantidade maior de meios de produção for obtida e desde que essa aquisição seja feita junto a capitalistas de dentro desta mesma economia.

Nesse quadro, o crescimento econômico só pode ocorrer, diz Roberts, se “[...] alguns dos meios de produção recém-produzidos [pelo Departamento I, digo eu], que o Departamento II teria obtido, forem desviados [retidos, digo eu] para o [pelo, digo eu novamente] Departamento I. Isso dá ao Departamento I os meios adicionais de produção de que precisa”.⁸⁶

⁸⁴ Ibidem, p. 276.

⁸⁵ ROBERTS, Michael. Op. cit. Disponível em <https://thenextrecession.wordpress.com/2021/07/06/marxs-reproduction-schema/>. Consultado em 05.04.2023.

⁸⁶ Idem. Disponível em <https://thenextrecession.wordpress.com/2021/07/06/marxs-reproduction-schema/>. Consultado em 05.04.2023 (Ibidem em relação à redação dos parágrafos seguintes).

Primeiramente, vamos nos concentrar na transição da reprodução simples para a reprodução ampliada ou estendida ou expandida do capital, esquematizada na Tabela 2. No exemplo utilizado pelo teórico britânico, o Departamento I retém 50c em meios de produção, aumentando, numa proporção de 20%, seu investimento em máquinas e matérias-primas de 250c (Tabela 1) para 300c (Tabela 2). Em contrapartida, o investimento do Departamento II nesses bens sofre uma redução na mesma proporção, passando de 250c (Tabela 1) para 200c (Tabela 2).

Diante da redução nos investimentos em meios de produção pelo Departamento II e do incremento nos investimentos do tipo pelo Departamento I, conservando-se a relação c/v e s/v (na mesma proporção de 20%), o capital social agregado do Departamento I aumentará de 500W (Tabela 1) para 600W (Tabela 2) e a do Departamento II reduzirá de 500W (Tabela 1) para 400W (Tabela 2)⁸⁷.

Feito esse necessário rearranjo, ainda em conformidade com o economista britânico M. Roberts, agora a economia está em condições de crescer. Para tanto, os 600W produzidos em meios de produção pelo Departamento I (Tabela 2) são distribuídos na mesma proporção (20%) entre o próprio Departamento I (que retém parte desses bens para continuar sua produção nos anos seguintes) e o Departamento II. Com isso passamos a analisar finalmente o processo de reprodução ampliada do capital, esquematizado na Tabela 3.

Após a realocação (rearranjo de recursos) entre os dois departamentos (Tabela 2), o Departamento I poderá crescer de 600W (Tabela 2) para 720W (Tabela 3) na produção de novos meios de produção e o Departamento II de 400W (Tabela 2) para 480W (Tabela 3) em bens de consumo, sendo que a economia como um todo crescerá de 1000W para 1200W⁸⁸.

A par do exposto, a título de conclusão, Michael Roberts observa que

“A transição da reprodução simples para a reprodução expandida requer um **crescimento desequilibrado**. O Departamento I deve crescer em relação ao Departamento II. Isso não significa que o setor de bens de consumo deva declinar absolutamente [...]. Posteriormente, o Departamento II pode crescer. De fato, os dois departamentos poderiam então crescer na mesma proporção, como fazem nos próprios exemplos de reprodução expandida de Marx. Mas o desequilíbrio relativo persistirá. O Departamento I permanecerá relativamente maior do que o Departamento II sob reprodução expandida do que sob reprodução simples. Assim, o esquema de Marx mostra que os departamentos nunca estão em ‘equilíbrio’ se quisermos dizer com isso que ambos são do

87 No caso do Departamento I, o capital variável (v) passa de 100v (x 20%) na Tabela 1 para 120v na Tabela 2 e o mais-produto (s) passa de 150s (x 20%) na Tabela 1 para 180s na Tabela 2. Já em relação ao Departamento II, ocorre o inverso, o capital variável (v) que era de 100v (x 20%) na Tabela 1 reduz para 80v na Tabela 2 e o mais-produto (s) que era de 150s (x 20%) na Tabela 1 diminui para 120s na Tabela 2.

88 No caso do Departamento I, o capital variável (v) passa de 120v (x 20%) na Tabela 2 para 144v na Tabela 3 e o mais-produto (s) passa de 180s (x 20%) na Tabela 2 para 216s na Tabela 3. Já em relação ao Departamento II, o capital variável (v) que era de 80v (x 20%) na Tabela 2, aumenta para 96v na Tabela 3 e o mais-produto (s) que era de 120s (x 20%) na Tabela 2, aumenta para 144s na Tabela 3.

mesmo tamanho [mesma composição orgânica, como assentado anteriormente, digo eu] e devem crescer juntos no mesmo ritmo [na mesma proporção, no caso, 20%, digo eu novamente]”.

Na comparação entre os dois esquemas, Michael observa que a reprodução simples de Marx “requer um ‘equilíbrio’ (uma igualdade) entre o novo valor gerado no Departamento I ($v_1 + s_1$) e a demanda do Departamento II por capital constante (c_2). Já a reprodução expandida requer que o novo valor gerado no Departamento I exceda a demanda do Departamento II por capital constante. Como Lenin colocou: ‘Marx demonstrou claramente em seus esquemas que a produção dos meios de produção pode e deve superar a produção de artigos de consumo’”. Marx tinha a visão de que “o **desequilíbrio era necessário para o crescimento**, caso contrário, ‘não haveria produção capitalista se tivesse que se desenvolver simultaneamente e uniformemente em todas as esferas’” (grifo nosso).

De fato, segue Roberts, “uma economia capitalista em expansão com um Departamento I maior do que o Departamento II expressa a **lei geral da acumulação capitalista**, ou seja, um aumento mais rápido do capital constante sobre o capital variável, ou uma composição orgânica crescente do capital” (grifo nosso).

Alias, o teórico britânico observa que na economia hipotética marxiana até poderia haver mais departamentos, “mas a divisão de Marx não é arbitrária”. Ele “quer mostrar a natureza de classe da acumulação e reprodução capitalistas; com um departamento que produz os meios de produção do capital [Departamento I, digo eu] e outro que produz os bens de consumo necessários do trabalho [sic] [Departamento II, digo eu novamente]”.

Ainda em conformidade com Michael Roberts, para Karl Marx a **valorização ilimitada** e, por conseguinte, a **acumulação de capital**, são dois objetivos principais do capitalismo, e a produção é um dos meios para alcançá-los. Assim assenta o filósofo alemão numa crítica à economia política clássica: “[...] Acumulação por acumulação, produção em prol da produção: esta foi a fórmula em que a economia clássica expressou a missão histórica da burguesia no período de sua dominação. Assim, a economia capitalista torna-se cada vez mais um sistema de produção por causa da produção”. Marx continua sua crítica: “Nunca fará [referindo-se à economia política clássica, digo eu], portanto, representar a produção capitalista como algo que ela não é, ou seja, como produção tendo como finalidade imediata o consumo de bens ou a produção de meios de gozo. Isso seria ignorar o caráter específico da produção capitalista”. Para o teórico e crítico alemão-prussiano, **a produção capitalista não é uma produção voltada para o consumo ou para atender as necessidades humanas, mas sim uma produção voltada para a acumulação de capital**. O capitalismo é um sistema econômico que visa ao **lucro** e à **acumulação das riquezas**.

Neste ponto, voltamos aos comentários de Roman Rosdolsky para compreender as implicações da busca ilimitada de valorização do capital, que emperra

diante do **problema da realização**, sobre o qual abordamos no início deste texto, e que está diretamente ligado com o **problema das crises de superprodução**.

Diante do desequilíbrio entre o Departamento I (fabricante de meios de produção) e o Departamento II (fabricante de bens de consumo) verificado na transição entre a reprodução simples (Tabela 1) para a reprodução ampliada (Tabela 2), em desfavor do último departamento, o nosso pensador ucraniano pontua que “a transição para a reprodução ampliada já está vinculada a uma crise”. Segundo Marx, “[...] A possibilidade real de uma valorização maior [do capital, digo eu]”, a “produção de valores novos e maiores”, depende da manutenção das proporções de emprego do capital quando da transição da reprodução simples (Tabela 1) para a ampliada (Tabela 2), envolvendo os dois departamentos, do contrário, os capitalistas do Departamento 2 – os fabricantes de bens de consumo para os trabalhadores (meios de subsistência) e os de bens de consumo para os próprios capitalistas (bens supérfluos) – “produziriam demais”. Produziriam numa proporção para além das condições econômicas presentes. Ou, como assinala o autor d’*O capital*, produziriam “demais em relação à proporção do capital destinada aos trabalhadores, ou demais em relação à parte do capital que os capitalistas podem consumir ([...] demais em relação a proporção em que teriam de aumentar seu capital)”.⁸⁹

Isso quer dizer, Marx explica, que “a superprodução geral pode ter lugar não porque os trabalhadores ou os capitalistas consumam mercadorias de menos, em relação às que deveriam ser consumidas, mas sim porque se produz demais delas; *não demais para o consumo* [‘tendo em vista as necessidades reais’, intervém Roman], *mas sim para assegurar a relação correta entre o consumo e a valorização* [do capital, digo eu]; *demais para a valorização*” (grifo do autor).

O nosso filósofo alemão defende que “em uma situação dada do desenvolvimento das forças produtivas (posto que este desenvolvimento determinará a proporção entre o trabalho necessário e o mais-trabalho) se estabelece uma proporção fixa, segundo a qual o produto se divide em quatro partes”: em “matéria-prima”, em “maquinaria”, em “trabalho necessário” e em “mais-trabalho [ou mais-produto, lembramos]”. Por seu turno, Marx continua, “o próprio mais-produto [derivado do mais-trabalho, digo eu] se divide em duas partes, uma que retorna ao consumo [consumo pelos capitalistas dos chamados ‘bens supérfluos’ ou de ‘luxo’, digo eu novamente] e outra que se converte novamente em capital [com vistas a continuar a produção e a valorização crescente do capital, digo eu mais uma vez]”. Em Karl Marx, “Esta divisão interna, inerente ao conceito de capital, se apresenta no intercâmbio de tal modo que o intercâmbio dos capitais entre si tem lugar em proporções determinadas e limitadas [...]”, como vimos.⁹⁰

Nessa linha, o esquema da reprodução ampliada do capital de Marx, como afirma Roman Rosdolsky, “só aponta a divisão ‘interna’ e ‘conceptual [sic]’ do capital,

89 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 276 e 277 (Idem em relação à redação do parágrafo seguinte).

90 Ibidem, p. 277 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

em condições que ensejam o equilíbrio de um sistema capitalista em crescimento. Mas, na realidade, essas condições de equilíbrio só se impõem contra perturbações constantes [contra as crises, digo eu]”. Pois, em consonância com o entendimento marxiano, os citados elementos da divisão interna e conceitual do capital (matéria-prima, maquinaria, trabalho necessário e mais-trabalho ou mais-produto, recordamos), conceitualmente opostos, no que se refere ao intercâmbio entre eles e em si, existem “independentemente um do outro; a necessidade de cada um se manifesta durante a crise, que põe fim violentamente à aparência de sua indiferença recíproca” (grifo do autor).⁹¹

Conhecido os esquemas de reprodução marxianos, para continuar o trato dos problemas da **realização** e das **crises de superprodução** da economia capitalista, Rosdolsky traz para o centro da análise a relação entre o **trabalho necessário** (trabalho pago), que corresponde ao capital variável (v), e o **mais-trabalho** (trabalho não pago), que diz respeito ao mais-produto (s), relação sobre a qual, “[...] em última instância”, para Marx, “tudo se baseia”. Aqui está presente um outro perigo, “que”, segundo Rosdolsky, “espreita a valorização do capital”.⁹²

Levando em conta, avança Roman citando Marx, que “as ‘proporções para o intercâmbio dos capitais’” estão determinadas pela relação trabalho necessário e mais-trabalho, “e como esta relação depende do desenvolvimento das forças produtivas, toda ‘revolução nas forças produtivas’ deve modificar as proporções do intercâmbio mencionadas [em desfavor do trabalho necessário relativamente ao mais-trabalho, como já visto]. ‘Se, à revelia disso, a produção segue adiante indiferentemente [“pois o ilimitado impulso expansivo do capital o faz violar seguidamente todas as ‘proporções corretas’”, intervém Rosdolsky], no fim das contas terá de manifestar-se um déficit (uma magnitude negativa) no intercâmbio, de um lado ou de outro’ ”.

Aí se encontra mais um obstáculo ao ilimitado impulso expansivo do capital. Karl Marx dá seguimento ao seu raciocínio: “o obstáculo consiste sempre em que o intercâmbio – e, portanto, também a produção – se efetua de tal maneira que a proporção entre o mais-trabalho e o trabalho necessário se mantém a mesma, o que é igual a uma valorização sempre idêntica do capital”. Melhor dizendo: é um obstáculo para a valorização ilimitada do capital quando, no curso do movimento do capital, a relação entre o mais-trabalho e o trabalho necessário mantém-se sempre numa mesma proporção, pois isso resulta numa valorização do capital também na mesma proporção. A consequência de ser a produção impulsionada para mais além desse limite é que em algum momento deverá produzir-se, sentencia o autor dos *Grundrisse*, “uma desvalorização geral, ou uma destruição do capital”. Instalada a crise de superprodução, esta “se resolve com uma queda real da produção, do trabalho vivo, a fim de restaurar a relação correta entre o trabalho necessário e o mais-trabalho, sobre a qual [...] tudo se baseia. [...] Ambos [‘os aspectos’, intervém Rosdolsky] estão presentes na essência do

91 Ibidem, p. 277 e 278. Roman Rosdolsky chama atenção para mais uma influência de Hegel nos *Grundrisse*: “o conceito de ‘indiferença’” (Ibidem, p. 278 c/c p. 560 Nota 72).

92 Ibidem, p. 278 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

capital: tanto a desvalorização do capital [...] como o fim dessa desvalorização e o restabelecimento das condições para a valorização do capital”. Marx acrescenta⁹³: “O processo em cujo transcurso isso ocorre só poderá ser analisado quando tivermos analisado [sic] o capital real, ou seja, a concorrência etc., as condições reais”. Essa análise o filósofo só apresenta em *O capital*, ponto de chegada da nossa missão.

Isso é tudo sobre os problemas da realização, das crises de superprodução e dos esquemas de reprodução do capital expostos nos *Grundrisse*. Com Rosdolsky conhecemos duas coisas fundamentais sobre o assunto: a) que os esquemas de reprodução marxianos “só pretendem assinalar que – dentro de períodos limitados, nos quais a técnica de produção e a taxa de exploração do trabalho⁹⁴ permanecem relativamente estacionárias – a reprodução ampliada pode ter lugar enquanto se mantêm determinadas proporções de intercâmbio entre os dois principais departamentos da produção social [no caso, os Departamentos I e II, frisamos]”, mas tal resultado não é o que o capital persegue na sua essência; portanto, continua nosso autor em comentário, “qualquer interpretação desses esquemas que enfatize a ‘harmonia’ está descartada”; b) que Marx insiste em destacar “a contradição entre o impulso irrestrito à valorização do capital e a restrita capacidade de consumo da sociedade capitalista”.⁹⁵

Por certo, os esquemas de reprodução de Marx é um tema dos mais debatidos da teoria crítica marxiana. Tanto é que Roman Rosdolsky dedica a última seção de *Gênese*, a “Parte VII Ensaio crítico”, às discussões em seu entorno, que inclui marxistas históricos, a exemplo de Rosa Luxemburgo.⁹⁶ Sabendo disso, optamos, na sequência, por trazer para o Folheto nº 10, em um texto à parte, o Apêndice II - “Observação metodológica à crítica de Rosa Luxemburgo aos esquemas da reprodução de Marx”, vinculado ao Capítulo 2 - “A estrutura da obra [O capital] de Marx” do livro de Rosdolsky, e também as controvérsias apreciadas por ele no Capítulo 30 - “A polêmica em torno dos esquemas de reprodução de Marx” da referida Parte VII.

93 Ibidem, p. 561 Nota 74.

94 A taxa de exploração na economia marxiana expressa a razão entre o montante total do *trabalho não pago* (mais-trabalho) e o total dos *salários pagos* (trabalho necessário). Quanto maior o trabalho não pago no intercâmbio entre o capital e o trabalho, maior a taxa de exploração (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Taxa_de_exploracao). Visto em 05.04.2023).

95 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 278.

96 Segundo o professor Giliad de Souza Silva, “Um dos temas mais polêmicos na teoria marxiana versa sobre o problema da realização ou de demanda efetiva, que Marx expõe nos últimos capítulos do Livro 2 de *O Capital* (MARX, 1985). Roman Rosdolsky, um relevante pensador social e estudioso dos textos econômicos de Marx, no capítulo 30 de sua obra (ROSDOLSKY, 2001) [*Gênese e estrutura de 'O capital' de Karl Marx*, complementamos], dedica mais de 50 páginas para apresentar tal controvérsia, sobretudo as questões apresentadas por Rosa Luxemburgo e Mikhail Tugan-Baranovsky, complementada por Rodolf Hilferding, e as posições no debate interno da Rússia do início do sec. XX. O cerne da polêmica versa sobre as possibilidades endógenas de autorreprodução do capitalismo, isto é, se o sistema necessita ou não de uma ‘terceira classe’, além dos trabalhadores e capitalistas, para fazer o sistema funcionar. A noção apresentada por Luxemburgo é que o sistema tende a sucumbir por subconsumo (ou superprodução de mercadorias), caso não se introduza uma terceira classe, a saber, os ‘consumidores externos’ (in SILVA, Giliad de Souza. **O que são os esquemas de reprodução de Karl Marx**. Uberlândia-MG: Instituto de Economia e Relações Internacionais – Universidade Federal de Uberlândia, Economia e Ensaio, número 37, 2022, p. 55. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/358279817_O_que_sao_os_esquemas_de_reproducao_de_Karl_Marx_What_are_the_reproduction_schemes_of_Karl_Marx. Consultado em 05.04.2023).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

IA DE CIÊNCIAS DA URSS – Instituto de Economia. **Manual de Economia Política**. Capítulo II - Modos de produção pré-capitalistas. Nascimento da Formação Capitalista nas Entradas do Regime Feudal. O Papel do Capital Comercial. Rio de Janeiro-RJ: Editorial Vitória Ltda, 1961. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/ostrovitianov/1959/manual/02.htm#i12c2>.

ACOSTA, Emerson Trindade e RUPPENTHAL, Melani. **Uberização do trabalho**. Porto Alegre- RS: Jornal da Universidade (UFRGS), Edição 225, 2019. Disponível em <https://www.ufrgs.br/jornal/uberizacao-do-trabalho/>.

ALBUQUERQUE, Eduardo da Motta e. **Darimon, bancos e crédito: Notas sobre os Grundrisse e a transição para o socialismo**. Belo Horizonte-MG: Texto para discussão nº 353. Cedeplar/UFMG. 2009. Disponível em <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20353.pdf>.

ALVES, Álvaro Marcel. **O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade**. Revista de Psicologia da UNESP 9(1), 2010. Disponível em <https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/download/422/400>.

ALVES, Giovanni. **A condição de proletariado na modernidade salarial – Por uma análise existencial do proletariado**. São Paulo-SP: Revista Pegada – vol. 9 n.2 1, 2008. Disponível em <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/1672>.

ANTUNES, Jadir. **A dialética do valor em O capital de Karl Marx**. Disponível em <https://www.fevistaseletronicas.pucrs.br/%2Ffojs%2Findex.php%2Fintuitio%2Farticle%2Fdownload%2F9664%2F8478%2F&usg=AOvVaw051UXferYxYQBfqZb->.

ANTUNES, Ricardo. **200 anos de Engels – A constituição do proletariado e sua práxis revolucionária**(vídeo). TV Boitempo Editora – Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://youtu.be/YyJBHqnxRM0>.

ARCARY, Valério. **Seria o marxismo um cientificismo economicista? Anotações sobre a hipótese da inversão das causalidades**. Edição v. 8, nº1, 2004. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/38029>.

ARRUDA, Marcos. **Nota sobre a polêmica em torno da democracia e da ditadura do proletariado**. Disponível em <https://www.tni.org/es/art%C3%ADculo/nota-sobre-a-polemica-em-torno-da-democracia-e-da-ditadura-do-proletariado>.

AUGUSTO, André Guimarães. **Marx e as “robinsonadas” da Economia Política**. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/neco/v26n1/1980-5381-neco-26-01-00301.pdf.a>

BAKALARCZYK, Charles. **Existo, logo penso! (ou se Marx foi um filósofo)**. Disponível em <https://charlesbaka.blog/2020/04/16/existo-logo-penso-ou-se-marx-foi-um-filosofo/>.

BARROS, Cesar Mangolin de. **O conceito de modo de produção**. Disponível em https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/934137/mod_resource/content/1/elementos%20b%C3%A1sicos0_MODO_DE_PRODU%C3%87%C3%83O.pdf.

BARSOTTI, Paulo. **Dossiê artigos do jornalista Karl Marx sobre a crise de 1857-1858**. Disponível em <http://www4.pucsp.br/neils/downloads/10-barsotti.pdf>.

BATISTA, Paulo Cabaça. **O Socialismo de Pierre-Joseph Proudhon e a sua influência em Oliveira Martins e Antero de Quental**. Disponível em <https://cabacabaptista.blogspot.com/2012/12/o-socialismo-de-pierre-joseph-proudhon.html>.

BELLUZZO, Luiz Gonzaga. **A escassez na abundância capitalista** (videopalestra). Campinas-SP: Instituto de Economia da Unicamp. 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/embed/7JKKYyhCxt8?start=191>.

BENOIT, Hector. **Resenha de “Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx”**. Revista Outubro nº 07. Disponível em <http://longoestudo.blogspot.com/2012/09/resenha-de-genese-e-estrutura-de-o.html>.

BEZERRA, Juliana. **Marxismo**. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/marxismo/>.

_____. **Fases do Capitalismo**. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/fases-do-capitalismo/>.

BHARADWAJ, K. Economia vulgar. In: Eatwell, J., Milgate, M., Newman, P. (eds) Economia Marxiana. O Novo Palgrave. Palgrave Macmillan, Londres, 1990. Disponível em https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-1-349-20572-1_59#citeas.

BIANCHI, Álvaro. **Uma teoria marxista do político? O debate Bobbio "Trent'Anni Doppo"**. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ln/n70/a04n70.pdf>.

BUONICORE, Augusto César. **Assalariados urbanos: proletariado ou nova classe média?** São Paulo-SP: Revista Princípio, Edição 54, 2002. Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/64/cat/1273/assalariados-urbanos-proletariado-ou-nova-classe-média-.html>.

CABRAL, João Francisco P. **Sobre o Estado - Filosofia do Direito de Hegel**. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/sobre-estado-filosofia-direito-hegel.htm>.

CANAL TV BOITEMPO. **Uma biografia marxista de Marx** (entrevista com o professor marxista José Paulo Netto). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZreLdC4hkLI>.

CANON, Ramsin. **O que significa ser marxista hoje?** Revista Jacobin Brasil, 2019. Disponível em <https://jacobin.com.br/2019/10/o-que-significa-ser-marxista-hoje/>.

CARCANHOLO, Marcelo Dias. **A importância da categoria valor de uso na teoria de Marx**. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/rpe/article/view%20File/11757/8478>.

CARCANHOLO, Reinaldo A. **Sobre Gênese e estrutura de "O capital" de Karl Marx, de Roman Rosdolsky**. Disponível em <https://pt.calameo.com/read/00014074925811e4f526d>.

CARVALHO, Edmilson. **A totalidade como categoria central da dialética marxista**. Revista Outubro, nº 15, 2007, disponível em <http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%C3%A7%C3%A3o-15-Artigo-06.pdf>.

CASTRO, Ramon Peña de. **Trabalho abstrato e trabalho concreto**. Disponível em <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/traabstracon.html>.

CERQUEIRA, Hugo Eduardo da Gama. **David Riazanov e a Edição das Obras de Marx e Engels**. Disponível em http://www.anpec.org.br/revista/vol11/vol11n1p199_215.pdf.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio e NEDER, Gizlene. **Resenha da obra de Karl Marx "A burguesia e a contrarrevolução"**. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/3373/337349577010.pdf>.

CIPOLLA, Francisco Paulo. **A evolução da teoria da crise de superprodução na obra econômica de Marx**. Campinas-SP: Revista Crítica Marxista, nº 37, 2013, p. 75. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo298Artigo4.pdf.

COGGIOLA, Osvaldo. **Engels, O Segundo Violino**. São Paulo-SP: Editora Xamã, 1995.

COHEN, Gerald A. **Forças produtivas e relações de produção**. Campinas-SP: Crítica Marxista, Unicamp, 2010, p.65. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie46Dossie2.pdf.

CURADO, Adriano. **Capitalismo Industrial – o que é, história, conceitos básicos e características**. Disponível em <https://conhecimentocientifico.r7.com/capitalismo-industrial/>.

DA SILVA, Jefferson Luiz Schafranski. **O conceito de alienação em Ludwig Feuerbach**. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000220150>.

_____ e FELDHAUS, Charles. **O conceito de essência humana a partir da concepção antropológica de Ludwig Feuerbach**. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/330209317_O_CONCEITO_DE_ESSENCIA_HUMANA_A_PARTIR_DA_CONCEPCAO_ANTROPOLOGICA_DE_LUDWIG_FEUERBACH.

DENVIR, Daniel. **Por que O Capital de Marx ainda importa** (entrevista com David Harvey). Disponível em <https://movimentorevista.com.br/2018/11/por-que-o-capital-de-marx-ainda-importa/>.

DIEHL, Diego. **Marx além de Hegel – Uma interpretação a partir da Filosofia da Libertação**. Rio de Janeiro – RJ: Rev. Direito Práx., vol.9 no.3, 2018. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2179-89662018000301812&script=sci_abstract&tlng=pt.

DONÁRIO, Arlindo Alegre, e SANTOS, Ricardo Borges dos. **A Teoria de Karl Marx**. Universidade Autónoma de Lisboa. CARS – Centro de Análise Económica de Regulação social. Disponível em

<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:wxy7wUNt5F0J:https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/3173/1/MARX.pdf+&cd=24&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d>.

DOWBOR, Ladislau. **O que é capital**. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B8FTIPd5X-jmOGNhMjhmMmYtMDBhNS00ODNiLTk3MGEtZmE0Y2Y5YWewNTY1/view?hl=pt_PT.

DUAYER, Mário. **Grundrisse| Aula 6| III Curso Livre Marx-Engels**. Videoaula. TV Boitempo Editorial, Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região e Centro de Pesquisas 28 de Agosto. São Paulo-SP. 2012. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jmrnEoaq70>.

_____. **Marx e a crítica ontológica da sociedade capitalista: crítica à centralidade do trabalho**. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/viewFile/3880/2723>.

DUSSEL, Enrique. **A produção teórica de Marx: Um comentário aos Grundrisse**. São Paulo-SP: Editora Expressão Popular, 2012, p. 67. Disponível em https://enriquedussel.com/txt/Textos_Libros/37.A_Producao_Teorica_Marx.pdf.

ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring. Parte II - Economia Política Capítulo VII - Capital e Mais-Valia**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1877/antiduhring/cap21.htm>.

_____. **Carta para Joseph Bloch**. Disponível em http://www.scientific-socialism.de/Fundamentos_Cartas_Marx_Engels210990.htm#ftnref2.

_____. **Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1880/socialismo/cap03.htm>.

FIORI, José Luís. **O capitalismo americano**. Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/O-capitalismo-americano/26661>.

FONTES, Virgínia; COUTINHO, Carlos Nelson e NETTO, José Paulo. **Introdução à leitura dos Grundrisse** (videopalestra). Rio de Janeiro-RJ: Editora UERJ, 2011. Disponível em <https://youtu.be/Xhds6tHvb08?t=2056>.

_____. **200 anos de Engels – A criação do Marxismo** (vídeo).TV Boitempo Editora Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ELW99uIWxvq>.

FRAZÃO, Diva. **Karl Marx, filósofo e revolucionário**. Disponível em https://www.ebiografia.com/karl_marx/.

GENNARI, Adilson Marques. **Duas teorias da população no pensamento clássico: Karl Marx e Thomas Malthus**. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2009/trabalhos/duas-teorias-da-populacao-no-pensamento-classico-karl-marx.pdf.

GEORGE, Ricardo. **Estado e Sociedade Civil em Hegel**. Disponível em <https://pt.slideshare.net/ricardogeo11/estado-e-sociedade-civil-em-hegel>.

GOIS, Juliana Carla da Silva. **A Gênese da pauperização da classe trabalhadora na sociedade capitalista**. Disponível em https://seminarioservicosocial.paginas.ufsc.br/files/2017/04/Eixo_1_250_3.pdf.

GOMES, Carlos. **Antecedentes do capitalismo**. Disponível em <https://www.eumed.net/libros-gratis/2008a/372/CIRCULACAO%20DE%20CAPITAL.htm>.

GRESPLAN Jorge. **Existe o Livro IV do Capital de Marx? | Jorge Gresplan Explica**. Vídeo. Série: Marx e a crítica do modo de representação capitalista. TV Boitempo. 2020. Disponível em https://youtu.be/s6wLL_I0QVc.

GRESPLAN, Jorge e DUAYER, Mário. **Grundrisse, de Marx**. Videoaula. TV Boitempo Editorial e parceiros. São Paulo-SP, 2016. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=LlcqIOmc_ks&t=6s.

HAMRAOUI, Eric. **Trabalho vivo, subjetividade e cooperação: aspectos filosóficos e institucionais**. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172014000100006.

HARVEY, David. **Para entender O capital, Livro I**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2013.

_____. **Para entender O capital, Livro II e III**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2014.

HEINRICH, Michael. **Capital em geral e a estrutura de O Capital de Marx: novos insights a partir dos Manuscritos Econômicos de 1861-1863**. Site LavraPalavra, 2020. Disponível em <https://lavrapalavra.com/2020/11/26/capital-em-geral-e-a-estrutura-de-o-capital-de-marx-novos-insights-a-partir-dos-manuscritos-economicos-de-1861-1863/#:~:text=A%20obra>

[%20de%20Roman%20Rosdolsky%2C%20G%C3%AAnese%20e%20Estrutura,teve%20in%C3%ADcio%20com%20a%20ascens%C3%A3o%20do%20movimento%20estudantil.](#)

_____. **Crítica ao filme “O Jovem Karl Marx”**. Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/2018/01/18/verdades-e-mitos-sobre-o-filme-o-jovem-karl-marx-de-raoul-peck/>.

HORTA, Fernando. **VII – O internacionalismo**. Disponível em <https://www.sul21.com.br/revolucao-russa-100-anos/2017/04/vii-o-internacionalismo/>.

HUNT, Tristram. **Comunista de Casaca: a vida revolucionária de F. Engels**. Rio de Janeiro- RJ: Editora Record, 2010.

ILIENKOV, Evald Vasilievich. **A Dialética do Abstrato e do Concreto em O Capital de Karl Marx. Capítulo 1. A Concepção Dialética e Metafísica do Concreto**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/ilyenkov/1960/dialetica/01.htm>.

JAPPE, Anselm. **Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx (comentário sobre o livro de Roman Rosdolsky)**. Disponível em <https://aterraeredonda.com.br/genese-e-estrutura-de-o-capital-de-karl-marx/>.

JOFFILY, Bernardo. **O socialismo é inevitável (!?!)**. São Paulo: Revista Princípio. Ed. Nº 51, 1998. Disponível em <http://revistapricipios.com.br/artigos/51/cat/1491/o-socialismo-%C3%A9-inevitável-!-!-.html>.

LAPIDUS, I. e OSTROVITIANOV, K. V. **Conceitos Fundamentais de O Capital. Manual de Economia Política**. Moscou: 1929. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/lapidus/1929/manual/index.htm>.

LARA, Fernando Maccari. **Mercadoria e forma do valor: notas sobre o dinheiro em Marx**. Revista Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 270-289, 2001. Disponível em <https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/ensaios/article/download/2010/2391>.

LIMA, Marcos Costa. **A Crise Financeira de Setembro de 2008 é também uma crise de Paradigma**. Disponível em http://www.centrocelsofurtado.org.br/arquivos/image/201108311552140.MC_LIMA1.pdf.

MACHADO, Gustavo. **Marx e a impossibilidade de reformar a sociedade capitalista**. Disponível em <https://teoriaerevolucao.pstu.org.br/marx-e-a-impossibilidade-de-reformar-a-sociedade-capitalista/>.

_____. **Rosdolsky: Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx**. (vídeo). Série Sugerindo Livros. Canal Orientação Marxista. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QGvNePeLIYQ>.

_____. **Sobre a possibilidade de uma revolução russa nos escritos de Marx**. Revista Verinotio, v. 23 n. 1, 2017. Disponível em <http://www.verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/313/301>.

MARIMBONDO, Santiago. **“O capital em geral” e os “múltiplos capitais” / Debate com Michael Heinrich a partir de Roman Rosdolsky**. Site Quilombo Spartacus, 2020. Disponível em <https://quilombospartacus.wordpress.com/2019/09/01/o-capital-em-geral-e-os-multiplos-capitais-debate-com-michael-heinrich-a-partir-de-roman-rostdolsky-2/>.

MARX, Karl Heinrich. **As lutas de classes na França**. Disponível em <http://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/marx-e-engels/as-lutas-de-classes-na-franca.pdf>.

_____. **Contribuição crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1844/critica/introducao.htm>.

_____. **Grundrisse**. Rio de Janeiro-RJ: Boitempo Editorial, 2011.

_____. e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo-SP: Editora Martin Claret, Coleção A Obra Prima de Cada Autor, 2000.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro I – O processo de produção do capital**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2ª. Edição, 2017.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro II – O processo de circulação do capital**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2014.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro III – O processo global da produção capitalista**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2017.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro IV. Teorias da mais-valia: História crítica do pensamento econômico.** Rio de Janeiro-RJ: Editora Bertrand Brasil S/A, 2ª. Edição, Volume I, 1987.

_____. **Para a Crítica da Economia Política.** São Paulo-SP: Abril Cultural, Os Economistas, 1982.

_____. **Reflexões de um jovem sobre a escolha de uma profissão.** Disponível em <https://www.docdroid.net/WSkQhrZ/reflexoes-de-um-jovem-sobre-a-escolha-de-uma-profissao-pdf>.

_____. **Teses sobre Feuerbach.** HTML por Jorn Andersen para Marxists' Internet Archive, 25.7.00. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>.

MAYER, Gustav. **Friedrich Engels: Uma biografia.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2020.

MEHRING, Franz. **Karl Marx. A Historia de Sua Vida.** São Paulo-SP. Editora José Luís e Rosa Sundermann, 2013.

MIGLIOLI, Jorge. **Dominação burguesa nas sociedades modernas.** Crítica Marxista. Campinas-SP. Unicamp. 2010. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo205Artigo1.pdf.

MIRANDA, Marloren Lopes. **Filosofia, Saber Absoluto e Ciência: da Fenomenologia do Espírito à Ciência da Lógica.** Disponível em <https://opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofilosofica/article/view/546/490>.

MOURA, Alessandro de. **A ruptura de Marx com Hegel: Crítica da filosofia do direito de Hegel.** Disponível em <https://www.esquerdadiario.com.br/A-ruptura-de-Marx-com-Hegel-Critica-da-filosofia-do-direito-de-Hegel>.

MUSTO, Marcello. **O Encontro de Marx com a Economia Política.** Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/O-Encontro-de-Marx-com-a-Economia-Politica/4/40043>.

NASCIMENTO, Adriano. **Bobbio e a teoria marxista do Estado.** Disponível em <http://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/article/view/1929>.

NETTO, José Paulo e BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica.** Capítulo 3 – Produção de mercadorias e modo de produção. Itens 3.1.-3.2.-3.5. São Paulo-SP: Cortez Editora, Volume 1, 2021. Disponível em <https://zoboko.com/text/y530je2v/economia-politica-uma-introducao-critica/1>.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao método da teoria social.** Disponível em <https://www.pcb.org.br/portal/docs/int-metodo-teoria-social.html>.

_____. **Introdução ao método de Marx (primeira parte).** Videoaula. Pós-graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2WndNoqRiq8&t=7s>.

_____. **Introdução ao método de Marx (segunda parte).** Videoaula. Pós-graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DI3Yocu-1oI>.

_____. **Karl Marx. Uma biografia.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, E-Book, 2020. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=22gHEAAAQBAJ&pg=PT428&dq=b%C3%B4nus-hora+de+darimon&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwi13fXEuKTvAhWOILkGHcxnAcoQuwUwAXoECAIQBw#v=onepage&q=b%C3%B4nus-hora%20de%20darimon&f=false>.

_____. **Marx: dialética para principiantes.** Dia M 2022. Canal TV Boitempo Editorial, 2022. Disponível em <https://youtu.be/ywZQnMnGejk>.

_____. **200 anos de Engels –A relevância e atualidade do pensamento de Engels** (vídeo). TV Boitempo Editora – Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=joSyGnijlHg>.

OLIVEIRA, Pedro de. **Karl Marx e seus artigos para o New York Daily Tribune.** Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/152/internacional/3259/karl-marx-e-seus-artigos-para-o-new-york-daily-tribune.html>.

OLIVEIRA JÚNIOR, José Ribamar dos Santos. **O conflito: Marx e o materialismo contemplativo.** Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4695/3829>.

PAULANI, Leda Maria. **O dinheiro e o capital portador de juros em Marx.** Videoaula. Canal Coletivo Arroz Feijão e Economia. Disponível em https://youtu.be/kx0_JwZs5gs.

_____. **Teoria do Valor. Curso O capital de Marx. Curso Livre Marx e Engels.** Videoaula 2. TV

Boitempo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=T9x0gFHuON4&t=1221s>.

PECK, Raoul. **O jovem Karl Marx** (filme). Disponível em <https://youtu.be/IX2TDt7kiCM>.

PESSOA, Gisele. **Conceito de pessoa: na trajetória filosófica e jurídica** (Artigo). Disponível em <https://jus.com.br/artigos/47003/conceito-de-pessoa-na-trajetoria-filosofia-e-juridica>.

PETERSON, John. **Zinoviev e a degeneração stalinista da Comintern**. Disponível em <https://www.marxismo.org.br/zinoviev-e-a-degeneracao-stalinista-da-comintern/>.

PETO, Lucas Carvalho e VERÍSSIMO, Danilo Saretta. **Natureza e processo de trabalho em Marx**. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100248#:~:text=Logo%2C%20pode%2Dse%20afirmar%20que,se%20incorporou%20a%20seu%20objeto.

PIRES, Marília Freitas de Campos. **O materialismo histórico-dialético e a Educação**. Interface - Comunicação, Saúde, Educação. UNESP, v. 1, n. 1, 1997. Disponível em <http://hdl.handle.net/11449/30353>.

PIRES, Rogério Brittes W.. **Fetichismo religioso, fetichismo da mercadoria, fetichismo sexual: transposições e conexões**. Revista de Antropologia. São Paulo-SP, 2014, v. 57, nº 01. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/ra/article/download/87763/90692/0>.

POCHMANN, Márcio. **As crises do capitalismo**. Introdução a David Harvey – Aula #2. TV Boitempo Editorial, 2021. Disponível em <https://youtu.be/EzsytOBnIrk>.

QUINTEIRO, Thiago. **A consciência em Hegel, a pós-modernidade e a esquerda alienante**. Disponível em <https://www.pocosja.com.br/2019/07/19/a-consciencia-em-hegel-a-pos-modernidade-e-a-esquerda-alienante/>.

RAMOS, Ary. **O Estado está se transformando em orientador da precarização do trabalho**. Entrevista com Ludmilla Costhek Abílio. Disponível em <https://www.aryramos.pro.br/o-estado-esta-se-transformando-em-orientador-da-precarizacao-do-trabalho-entrevista-com-ludmilla-costhek-abilio/>.

REDYSON, Deyve. **Ludwig Feuerbach e o Jovem Marx: A Religião e o Materialismo Antropológico Dialético**. Disponível em <http://www.periodicos.ufc.br/argumentos/article/view/18979>. Fortaleza-CE: Argumentos. Revista de Filosofia, 2011.

RIEDEL, Manfred. **Dialética nas instituições. Sobre a estrutura histórica e sistemática da filosofia do direito de Hegel** (tradução de Selvino José Assmann). Disponível em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Artigos/dialetica_hegel.pdf.

ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx**. Rio de Janeiro-RJ: Contraponto Editora. 2001.

ROSSI, Rafael. **Teses ad Feuerbach e a educação**. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732019000200085.

RUTKOSKI, Márcio Moraes. **O Papel das Crises para a Teoria de Marx sobre a Derrocada do Capitalismo**. Dissertação (Mestrado em Economia). Florianópolis-SC: Programa de Pós-Graduação em Economia (PPGE), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2004, Capítulo 4, item 4.1 (Disponível em <https://1library.org/document/yrov09jy-papel-cries-para-teoria-marx-sobre-derrocada-capitalismo.html>).

SAES, Flávio Azevedo Marques e SAES, Alexandre Macchione. **História Econômica Geral**. Item 3.3. São Paulo-SP: Editora Saraiva, 2013.

SANTIAGO, Emerson. **O Capital**. Disponível em <https://www.infoescola.com/livros/o-capital/>.

_____. **Socialismo Científico**. Disponível em <https://www.infoescola.com/politica/socialismo-cientifico/>.

SANTOS, Roberval de Jesus Leone dos. **Marx, Proudhon e Darimon: diálogos sobre o dinheiro**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, Revista Crítica Marxista, 2001. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/03rober.pdf.

SARTORI, Vitor Bartoletti. **De Hegel a Marx: da inflexão ontológica à antítese direta**. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2014000200014.

SECCO, Lincoln. **Quem tem medo de Karl Marx?** Revista Jacobin Brasil, 2019. Disponível em <https://jacobin.com.br/2019/11/quem-tem-medo-de-karl-marx/>.

SEGAL, L. **O Desenvolvimento Econômico da Sociedade**. Introdução ao Estudo do Marxismo. Rio de Janeiro-RJ: Editora Calvino Ltda. 1945. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/estudo/segal/04.htm>.

SILVA, Giliad de Souza. **O que são os esquemas de reprodução de Karl Marx**. Uberlândia-MG: Instituto de Economia e Relações Internacionais – Universidade Federal de Uberlândia, Economia e Ensaios, número 37, 2022, p. 55 (Disponível em https://www.researchgate.net/publication/358279817_O_que_sao_os_esquemas_de_reproducao_de_Karl_Marx_What_are_the_reproduction_schemes_of_Karl_Marx).

SIQUEIRA, Juliano. **Ludwig Feuerbach e o materialismo antropológico (ou o crepúsculo da antropologia filosófica)**. Rio de Janeiro-RJ: Jornal Inverta, Edição 492, 2017. Disponível em <https://inverta.org/jornal/@@search?SearchableText=Ludwig+Feuerbach+e+o+materialismo+a+ntropol%C3%B3gico>).

SITE ALGO SOBRE. **Materialismo**. Disponível em <https://www.algosobre.com.br/sociofilosofia/materialismo.html>.

SITE BRASIL ESCOLA. **Trabalho escravo contemporâneo**. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/escravidao-nos-dias-de-hoje.htm>.

SITE BING. **Devir**. Disponível em <https://www.bing.com/search?q=devir&cvid=20d4ac9bda814c08968e70a030a5422b&aqs=edge.0.0l8j69i60.1510j0j1&pqlt=515&FORM=ANNTA1&PC=LCTS&ntref=1>.

SITE CONCEITO DE. **Laboriosidade**. Disponível em <https://conceito.de/laboriosidade#:~:text=A%20laboriosidade%20costuma%20ser%20considerada%20como%20um%20valor,detalhes%20e%20tentando%20conseguir%20o%20melhor%20resultado%20poss%C3%Adve>.

SITE CONCEITOS. **Apropriação**. Disponível em <https://conceitos.com/apropriacao/>.

SITE CONTROLE. **Significados. Composição orgânica do capital**. Disponível em <https://www.controlacao.com.br/significado/composicao-organica-do-capital>.

SITE DICIONÁRIO DE FILOSOFIA. **Alienação**. Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefisofia/aliena%C3%A7%C3%A3o>.

_____. **Matéria**. Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefisofia/mat%C3%A9ria>.

_____. **Substância**. Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefisofia/subst%C3%A2ncia>.

SITE DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. **Capital**. Disponível em <https://www.dicionarioetimologico.com.br/capital/>.

SITE DICIONÁRIO LIVRE. **Capitalismo. Etimologia**. Disponível em <https://pt.wiktionary.org/wiki/capitalismo#Etimologia>.

SITE DIPLOMATIQUE BRASIL. **Guilhotina#97 – José Paulo Netto** (áudio – podcast de entrevista com o professor José Paulo Netto). Disponível em <https://diplomatie.org.br/guilhotina-97-jose-paulo-netto/>.

SITE DM. JORNAL. **Marx e Freud o encontro possível**. Disponível em <https://www.dm.jor.br/entretenimento/2018/06/marx-e-freud-o-encontro-possivel/>.

SITE EDISCIPLINAS USP. **O capital – Crítica da Economia Política. Capítulo 4. Transformação do dinheiro em capital**. Aula 21. Disponível em https://edisdisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2249205/mod_resource/content/1/aula-21-marx-o-capital.pdf.

SITE ESCOLA do PC do B. **Fichamento de “Introdução (à crítica da economia política)”**. Disponível em http://www.escolapcdob.org.br/file.php/1/materiais/pagina_inicial/Cadernos_Formacao/11_CF_IntrodCrit_FICHA.pdf.

SITE FC UNESP. **Axiomático**. Disponível em <http://www.fc.unesp.br/~mauri/Geo/axiomatico.pdf>.

SITE FILOSOFIA. **História**. Disponível em http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=108.

SITE GAZ.WIKI. Teorizando o valor dos produtos de trabalho. Disponível em https://gaz.wiki/wiki/pt/Law_of_value .	em
SITE INFOPEDIA. Consciência. Disponível em https://www.infopedia.pt/\$consciencia-filosofia .	em
_____. Materialismo. Disponível em https://www.infopedia.pt/\$materialismo .	
_____. Relações Sociais. Disponível em https://www.infopedia.pt/\$relacoes-sociais .	
_____. Pensamento. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Pensamento .	
SITE JORNAL GGN. Concepção do fim da história. Disponível em https://jornalgggn.com.br/noticia/nota-sobre-a-concepcao-do-fim-da-historia-um-embate-entre-marx-e-hegel-mediado-por-meszáros-em-para-alem-do-cap/ .	em
SITE PORTAL GELEDÉS. 6 multinacionais envolvidas com trabalho escravo e exploração infantil. Disponível em https://www.geledes.org.br/6-multinacionais-envolvidas-com-trabalho-escravo-e-exploracao-infantil/ .	
SITE SIGNIFICADOS. Ontologia. Disponível em https://www.significados.com.br/ontologia/ .	
SITE SISEJUFE. 1848 - Marx e a luta de classes na França. Disponível em https://sisejufe.org.br/noticias/1848-marx-e-a-luta-de-classes-na-franca/ .	em
SITE TIRO DE LETRA. Filosofia. Disponível em http://www.tirodeletra.com.br/ensaios/Dici- Filosofia.htm .	em
SITE WIKIPEDIA. Adam Smith. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Adam_Smith .	
_____. A ideologia alemã. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Ideologia_Alem%C3%A3 .	
_____. Alfred Darimon. Disponível em https://fr.wikipedia.org/wiki/Alfred_Darimon .	
_____. Anais Franco-Alemães. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Deutsch-Franz%C3%B6sische_Jahrb%C3%Bcher .	em
_____. Apologética. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Apolog%C3%A9tica .	
_____. Aristóteles. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Arist%C3%B3teles .	
_____. A sagrada família. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Sagrada_Fam%C3%ADlia_(livro) .	em
_____. Associação Internacional dos Trabalhadores. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Associa%C3%A7%C3%A3o_Internacional_dos_Trabalhadores .	em
_____. Ateísmo. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ate%C3%Adsmo .	
_____. Axioma. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Axioma .	
_____. Baruch Espinoza. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Baruch_Espinoza .	
_____. Bruno Bauer. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Bruno_Bauer .	
_____. Burguesia. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Burguesia .	
_____. Capital. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Capital_(economia) .	
_____. Capitalismo. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo .	
_____. Capitalismo Industrial. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismoindustrial .	em
_____. Classe social. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Classesocial .	
_____. Cogito ergo sum. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Cogito_ergo_sum .	
_____. Comuna de Paris. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Comuna_de_Paris .	
_____. Comunismo. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Comunismo .	
_____. Contribuição à crítica da economia política. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Contribui%C3%A7%C3%A3o_para_a_Cr%C3%ADtica_da_EconomiaPol%C3%ADtica .	em
_____. Coruja de Atena. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Coruja_de_Atena .	

-
- _____. **Crise de 1857**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_de_1857.
- _____. **Crise do capitalismo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_do_capitalismo.
- _____. **Crítica ao Programa de Gotha**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADtica_ao_Programa_de_Gotha. em
- _____. **David Ricardo****David Ricardo****David Ricardo****David Ricardo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/David_Ricardo. em
- _____. **Democracia direta**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Democracia_direta. em
- _____. **Demócrito**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dem%C3%B3crito>.
- _____. **Devir**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Devir>.
- _____. **Dialética**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dial%C3%A9tica>.
- _____. **Die Neue Zeita**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Die_Neue_Zeita.
- _____. **Dinheiro**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dinheiro>.
- _____. **Direita política**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Direita_\(po%C3%Adtica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Direita_(po%C3%Adtica)).
- _____. **Ditadura**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura>.
- _____. **Ditadura do proletariado**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura_do_proletariado. em
- _____. **Divisão social do trabalho**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Divis%C3%A3o_social_do_trabalho. em
- _____. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Do_Socialismo_Ut%C3%B3pico_ao_Socialismo_Cient%C3%Adfico. em
- _____. **Economia Clássica**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_c%C3%A1ssica. em
- _____. **Economia marxiana**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_marxiana.
- _____. **Economia Neoclássica**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_neoc%C3%A1ssica. em
- _____. **Economia Política**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_po%C3%Adtica. em
- _____. **Economicismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Economicismo>.
- _____. **Enfiteuse**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Enfiteuse>.
- _____. **Era dos Descobrimentos ou Era das Grandes Navegações**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Era_dos_Descobrimentos. em
- _____. **Epicuro**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Epicuro>.
- _____. **Esquerda política**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Esquerda_\(pol%C3%ADtica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Esquerda_(pol%C3%ADtica)).
- _____. **Eugen von Bawerk**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Eugen_von_B%C3%B6hm-Bawerk#Trabalhos_publicados.
- _____. **Ferdinand Lassalle**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ferdinand_Lassalle. em
- _____. **Fetichismo da mercadoria**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Fetichismo_da_mercadoria. em
- _____. **Feudalismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Feudalismo>.
- _____. **Fim da história**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Fim_da_hist%C3%B3ria. em
- _____. **Fisicalismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fisicalismo>.
- _____. **Força de trabalho**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7a_de_trabalho.
- _____. **Forças produtivas**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7as_produtivas.

-
- _____. **Friedrich Engels**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Engels.
- _____. **Fuso têxtil**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Fuso_\(t%C3%Aaxtil\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fuso_(t%C3%Aaxtil)).
- _____. **Gazeta Renana**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rheinische_Zeitung.
- _____. **Georg W. F. Hegel**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Georg_Wilhelm_Friedrich_Hegel. em
- _____. **Antonio Gramsci**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Antonio_Gramsci.
- _____. **Hegelianismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hegelianismo>.
- _____. **Helene Demuth**. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Helene_Demuth.
- _____. **Henryk Grossman**. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Henryk_Grossman.
- _____. **História da Moeda**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Moeda#Hist%C3%B3ria>.
- _____. **História do comunismo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_comunismo. em
- _____. **Humanismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Humanismo>.
- _____. **Idealismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Idealismo>. em
- _____. **Idealismo alemão**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Idealismo_alem%C3%A3o.
- _____. **Iluminismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Iluminismo>.
- _____. **Império Austro-Húngaro**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81ustria-Hungria>.
- _____. **Influências em Karl Marx**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Influ%C3%Aancias_em_Karl_Marx. em
- _____. **Infraestrutura e superestrutura**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Infraestrutura_e_superestrutura. em
- _____. **Instituto Marx-Engels-Lenin (IMEL)**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/InstitutoMarx-Engels-Lenin>. em
- _____. **Jean-Jacques Rousseau**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Jacques_Rousseau.
- _____. **Jenny von Westphalen**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jenny_von_Westphalen.
- _____. **Jovens hegelianos**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Joven_hegelianos.
- _____. **Karl Heinrich Marx**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Marx.
- _____. **Karl Kautsky**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Kautsky.
- _____. **Lei do valor**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_do_valor.
- _____. **Libra**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Libra_\(massa\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Libra_(massa)).
- _____. **Liga dos comunistas**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Liga_dos_Comunistas.
- _____. **Livre associação de produtores**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Livreassocia%C3%A7%C3%A3o_\(comunismo_e_anarquismo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Livreassocia%C3%A7%C3%A3o_(comunismo_e_anarquismo)).
- _____. **Ludwig Feuerbach**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ludwig_Feuerbach.
- _____. **Lukács**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Gy%C3%B6rgy_Luk%C3%A1cs.
- _____. **Lumpenproletariat**. Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Lumpenproletariat#Etymology>.
- _____. **Luta de classes**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Luta_de_classes.
- _____. **Mais-trabalho**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-trabalho>.
- _____. **Mais-valia (mais-valor)**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-valia>.
- _____. **Manifesto do Partido Comunista**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_Comunista. em
- _____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuscritos_Econ%C3%B4micos_e_Filos%C3%B3ficos_de_1844. em

-
- _____. **Marxismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Marxismo>.
- _____. **Matéria**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mat%C3%A9ria_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mat%C3%A9ria_(filosofia)).
- _____. **Materialismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo>.
- _____. **Materialismo dialético**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_dial%C3%A9tico em
- _____. **Materialismo histórico**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_hist%C3%B3rico em
- _____. **Meios de produção**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Meios_de_produ%C3%A7%C3%A3o.
- _____. **Mercado Livre**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercado_livre.
- _____. **Mercadoria no marxismo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercadoria#No_marxismo em
- _____. **Mercantilismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercantilismo>.
- _____. **Metafísica**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Metaf%C3%Adsica>.
- _____. **Metodologia da Economia**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Metodologia_da_economia em
- _____. **Modo de produção**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Modo_de_produ%C3%A7%C3%A3o em
- _____. **Modo de produção socialista**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mododeprodu%C3%A7%C3%A3osocialista> em
- _____. **Moeda fiduciária**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Moeda_fiduci%C3%A1ria.
- _____. **Monarquia constitucional**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Monarquia_constitucional em
- _____. **Mutualismo**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mutualismo_\(economia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mutualismo_(economia)).
- _____. **Nova Gazeta Renana**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Neue_Rheinische_Zeitung.
- _____. **O capital**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Capital.
- _____. **O capital – Lei**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Capitalei.
- _____. **Opio do povo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93pio_do_povo.
- _____. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_18_de_Brum%C3%A1rio_de_Lu%C3%Ads_Bonaparte em
- _____. **Padrão ouro**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Padr%C3%A3o-ouro>.
- _____. **Pierre-Joseph Proudhon**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre-Joseph_Proudhon.
- _____. **Práxis**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%A1xis>.
- _____. **Proletariado**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Proletariado>.
- _____. **Reino da Hungria**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_da_Hungria.
- _____. **Reino da Prússia**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_da_Pr%C3%BAssia.
- _____. **Reino de Itália**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_de_It%C3%A1lia_\(1861%E2%80%931946\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_de_It%C3%A1lia_(1861%E2%80%931946)) em
- _____. **Relações de produção**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rela%C3%A7%C3%B5es_de_produ%C3%A7%C3%A3o em
- _____. **Rene Descartes**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ren%C3%A9_Descartes.
- _____. **Republicanism**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Republicanism>.
- _____. **Revolução de 1848 nos estados alemães**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es_de_1848_nos_Estados_alem%C3%A3es.
- _____. **Revolução francesa**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Francesa.

- _____. **Revolução Gloriosa**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Gloriosa.
- _____. **Revolução Industrial**. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Industrial_Revolution.
- _____. **Revolução russa de 1917**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Russa_de_1917.
- _____. **Revoluções de 1848**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es_de_1848.
- _____. **Roman Rosdolsky**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Roman_Rosdolsky.
- _____. **Rosa Luxemburgo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rosa_Luxemburgo.
- _____. **Rudolf Schlesinger**. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Rudolf_Schlesinger.
- _____. **Segunda Revolução Industrial**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Revolu%C3%A7%C3%A3o_Industrial.
- _____. **Ser**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ser>.
- _____. **Sobre a questão judaica**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Sobre_a_Quest%C3%A3o_Judaica.
- _____. **Socialismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo>.
- _____. **Socialismo democrático**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismocient%C3%Adico>.
- _____. **Socialismo utópico**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismout%C3%B3pico>.
- _____. **Sociedade comunista**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade_comunista.
- _____. **Substância**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Subst%C3%A2ncia_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Subst%C3%A2ncia_(filosofia)).
- _____. **Táler**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/T%C3%A1ler>.
- _____. **Taxa de exploração**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Taxa_de_explora%C3%A7%C3%A3o.
- _____. **Teoria da revolução permanente**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_da_revolu%C3%A7%C3%A3o_permanente.
- _____. **Teoria do desenvolvimento desigual e combinado**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Desenvolvimento_desigual_e_combinado.
- _____. **Teoria do socialismo em um só país**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo_em_um_s%C3%B3_pa%C3%ADs#:~:text=O%20%22socialismo%20em%20u m%20s%C3%B3.pol%C3%Adica%20estatal%20por%20Josef%20Stalin.
- _____. **Teoria do valor-trabalho**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_do_valor-trabalho.
- _____. **Teoria populacional malthusiana**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_populacional_malthusiana.
- _____. **Teses sobre Feuerbach**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teses_sobre_Feuerbach.
- _____. **Thomas Malthus**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Thomas_Malthus.
- _____. **Trabalho assalariado e capital**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Trabalho_Assalariado_e_Capital.
- _____. **Unificação da Alemanha**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Unifica%C3%A7%C3%A3o_da_Alemanha.
- _____. **Valor de troca no marxismo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_de_troca#:~:text=Para%20o%20marxismo%2C%20valor%20de,desse s%20produtos%20tenha%20sido%20o.
- _____. **Valor de uso**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_de_uso.
- SOUZA, Osmar Martins de e DOMINGUES, Analéia. **Emancipação política e humana em Marx: Alguns apontamentos**. São Paulo-SP: Revista Eletrônica Arma da Crítica, N. 04, 2012. Disponível em http://www.armadacritica.ufc.br/phocadownload/artigo4_20131.pdf.

STRAUCH, Ottolmy. **Marshall: Princípios de Economia**. São Paulo-SP: Abril Cultural, Os Economistas, 1982.

TEIXEIRA, Adriano Lopes Almeida. **Mais-Valia ou Mais-Valor**. Uberlândia-MG: Economia Ensaios (v. 34 nº 2), Instituto de Economia e Relações Internacionais – Universidade Federal de Uberlândia, 2020. Disponível em <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeconomiaensaios/article/view/45288>.

TIBBLE, Jean. **Marx contra o Estado**. Revista Brasileira de Ciência Política. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-33522014000100003&script=sciarttext&tlng=pt>.

VAISMAN, Ester. **Marx e a Filosofia: elementos para a discussão ainda necessária**. Belo Horizonte-MG: Revista Nova Economia (Departamento de Ciências Econômicas da UFMG), vol.16, nº 2, 2006. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63512006000200005.

VIANA, Nildo. **A teoria da população de Marx**. Goiânia-GO: Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Boletim Goiano de Geografia, v. 26, n. 2, jul/dez 2006, Universidade Federal de Goiás (UFG). Disponível em https://www.researchgate.net/publication/272856870_A_TEORIA_DA_POPULACAO_EM_MARX.

VIEIRA, Pedro. **Os duvidosos fundamentos da economia política: o caso da mercadoria força de trabalho**. Disponível em <http://www.anpec.org.br/encontro2004/artigos/A04A008.pdf>.

VIEIRA, Zaira Rodrigues. **Althusser e o significado da dialética em Marx**. Disponível em <https://pdfs.semanticscholar.org/8fac/372ef3c4eee595b57f78e1370ea4a8a8e61b.pdf>.

XIMENES, Olavo Antunes de Aguiar. **Aproximação à categoria de modo de produção nos Grundrisse (1857-1858) de Karl Marx**. Dissertação para obtenção do título de Mestre em Filosofia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas-SP, 2017. Disponível em <https://1library.org/article/capital-constante-capital-vari%C3%A1vel-modo-produ%C3%A7%C3%A3o-capitalista-capital.qvpm1gdq>.